

**Faculdade Batista**  
**Pioneira**



JOÃO VICENTE DINIZ HÖRING

**A GUERRA DOS 30 ANOS:  
Uma abordagem histórica da união entre Igreja e Estado, e  
as suas consequências**

IJUÍ/RS  
2019

**JOÃO VICENTE DINIZ HÖRING**

**A GUERRA DOS 30 ANOS: Uma abordagem histórica da união entre Igreja e Estado, e as suas consequências**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia, apresentado para cumprir as exigências da disciplina de Supervisão de Pesquisa, ministrada pela professora Marivete Kunz.

Orientador: Me. Josemar Valdir Modes

IJUÍ/RS  
2019

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

## **A GUERRA DOS 30 ANOS:**

**Uma abordagem histórica da união entre Igreja e Estado, e as suas  
consequências**

---

Autor: **João Vicente Diniz Höring**

---

Orientador de Conteúdo: **Me. Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Forma: **Me. Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Português: **Esp. Luciano Gonçalves Soares**

---

Avaliador Final: **Ma. Hariet Wondracek Krüger**

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

IJUÍ  
2019

## RESUMO

A presente pesquisa apresentou uma análise histórica do evento conhecido como Guerra dos 30 anos, que ocorreu de 1618 até 1648. Por conta do aspecto religioso que esteve presente neste conflito e também por fazer parte da história do protestantismo europeu, se questionou o papel da igreja em meio a tal evento histórico, principalmente pela forte união entre Igreja e Estado que existia no contexto. No primeiro capítulo, foi abordado o contexto e os fatores que levaram ao estopim da Guerra dos 30 anos, como a Reforma Protestante, o Tratado de Augsburg entre outros fatores. No segundo capítulo, foi analisada a Guerra dos 30 anos e os seus quatro períodos, assim como os principais “personagens” deste conflito, como Gustavus Adolphus e Fernando II. Por fim, no terceiro capítulo, foram apresentadas as consequências após o fim da Guerra dos 30 anos e a sua influência para o cenário político europeu. Da mesma forma foi abordada uma visão teológica a respeito de Igreja e Estado com base em tal conflito, sendo usados alguns escritos e declarações da época, como a Confissão de Fé de Westminster.

**Palavras-chave:** Reforma. Guerra. História. Igreja. Estado.

## **ABSTRACT**

This research presents a historical analysis of the event known as Thirty Years War, that occurred from 1618 to 1648. Considering the religious aspect that was present in this conflict and also because is part of the European Protestantism History, it was questioned the church role in such event, mainly due to the strong unity between Church and State in the context mentioned. In the first chapter, it was covered the context and the factors that triggered the Thirty Years War, for instance Reformation, the Peace of Augsburg, among others. In the second chapter it was analysed the Thirty Years War and its four stages, just as this conflict's main "characters", like Gustavus Adolphus and Fernando II. Finally, the third chapter exposed the consequences post the Thirty Years War and its influence in the European political scenario. Likewise, it was addressed the theological view regarding Church and State based in this conflict, being used some writings and statements from the same period, such as the Westminster Confession of Faith.

**Key words:** Reform. War. Story. Church. State.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>1. O CONTEXTO DA PRÉ-GUERRA DOS 30 ANOS</b>	<b>7</b>
<b>1.1 As causas políticas</b>	<b>8</b>
1.1.1 A Reforma Protestante	8
1.1.2 A Liga Smalkalde	10
1.1.3 A Paz de Augsburg	11
<b>1.2 As causas “religiosas”</b>	<b>13</b>
1.2.1 O Concílio de Trento	13
1.2.2 Os Jesuítas	15
<b>1.3 As Ligas católicas e protestantes</b>	<b>16</b>
<b>2. A GUERRA DOS 30 ANOS</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Período Palatino-Boêmio (1618-1624)</b>	<b>20</b>
2.1.1 A defenestração de Praga (1618)	20
2.1.2 A batalha da Montanha Branca (1620)	21
<b>2.2 Período Dinamarquês (1624-1629)</b>	<b>22</b>
2.2.1 A Batalha da ponte Dessau (1626)	23
2.2.2 Batalha de Lutter (1626)	24
2.2.3 As batalhas de Stralsund e de Wolgast (1628)	24
2.2.4 A revogação do tratado de paz de Augsburg (1629)	25
<b>2.3 Período Sueco (1630-1635)</b>	<b>26</b>
2.3.1 Gustavus Adolphus e o Tratado de Barwalde	26
2.3.2 A Batalha de Frankfurt (1631)	28
2.3.3 O saque de Magdeburgo (1631)	28
2.3.4 A morte de Gustavus Adolphus (1632)	29
<b>2.4 Período Francês (1635-1648)</b>	<b>30</b>
2.4.1 A batalha de Wittstock (1636)	30
2.4.2 A Batalha de Rocroi (1643)	31
2.4.4 A Paz de Vestfália (1648)	31
<b>3. AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DOS 30 ANOS</b>	<b>33</b>
3.1 As consequências para a população	33
3.2 A crise econômica após a Guerra	34
3.3 A mudança do cenário político europeu	36
3.4 O início do Absolutismo Monárquico	36
3.5 O contexto religioso europeu	37
3.6 A Igreja e o Estado	38
3.6.1 A Igreja e o Estado em Romanos 13 e Mateus 22	39
3.6.2 A Igreja e o Estado no catolicismo e na confissão de Westminster	41
3.6.3 A Igreja em relação ao Estado	42
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante não foi somente um grande evento religioso do cristianismo, mas também um acontecimento com influências políticas e sociais que afetaram toda a Europa. Marcou o fim do controle absoluto de uma igreja “universal”, uma igreja que possuía fortes influências não somente religiosas, mas também políticas, sociais e até mesmo militares.

Com o fim deste controle, a Igreja Católica Romana viu seu poder ser ameaçado; as igrejas católicas foram substituídas por uma série de igrejas protestantes. A Igreja Luterana dominou o espaço religioso na Alemanha e na Escandinávia, outras correntes protestantes surgiram e ganharam espaço, como a Igreja Anglicana, na Inglaterra, fundada por Henrique VIII. Da mesma forma os calvinistas e anabatistas fizeram um grande número de adeptos pela Suíça, Escócia, Holanda, França, Boêmia e Hungria.<sup>1</sup>

Um novo cenário surge na Europa, com países e nações escolhendo qual lado religioso seguiriam e qual desses lados se mostraria mais “proveitoso” para seus interesses. É importante destacar aqui que esse conflito não foi gerado unicamente por questões religiosas, mas também tendo causas e fatores políticos das nações envolvidas<sup>2</sup>, que serão abordados no primeiro capítulo.

Este conflito se dividiu em quatro fases distintas, as quais serão tratadas no segundo capítulo dessa pesquisa: o período Palatino-Boêmio, que deu início à guerra com a Defenestração de Praga, sendo mais um conflito local da Boêmia; o período dinamarquês, no qual o rei Cristiano IV, que era rei não somente da Dinamarca, mas também da Noruega, decidiu ajudar os príncipes protestantes contra Ferdinando II.

Após esses dois períodos iniciais, a Guerra dos 30 Anos tomou proporções continentais, pois o rei sueco Gustavus Adolphus entrou na Guerra ao lado dos protestantes, dando início ao período Sueco da guerra. E, por fim, no último período do Guerra dos 30 Anos, a França também toma parte no conflito contra a Espanha, que era dominada pelos Habsburgs, a família do Imperador, tornando-se aliada dos protestantes, mesmo sendo católica, sendo conhecido este como o período Francês.

---

<sup>1</sup> CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 671.

<sup>2</sup> NOGUEIRA, Adeilson. **A Guerra dos Trinta Anos**. Tobias Barreto: Clube de Autores. 2018, 20 p.

Serão abordados os motivos que levaram ao início de cada período da Guerra e também alguns eventos que foram decisivos para cada momento.

Por fim, no terceiro capítulo será analisado o fim da Guerra dos 30 Anos e as consequências que ela teve, não somente para a população daquela época, mas também o seu impacto no cenário político e social da Europa e os movimentos que surgiram após este conflito.

Também será feita uma aplicação a respeito da relação entre a Igreja e do Estado, sendo analisados não somente quais eram as concepções a respeito disso na época, mas também o que a própria Palavra de Deus afirma sobre, trazendo para o contexto político atual.

# 1. O CONTEXTO DA PRÉ-GUERRA DOS 30 ANOS

Para se poder ter uma boa compreensão do que foi a Guerra dos 30 Anos, é necessário observar e analisar o contexto em que ela ocorreu. Neste capítulo serão abordados alguns eventos com grande influência na política da época, da mesma forma será abordado como se deu início a essa “divisão” entre os países europeus e as questões religiosas que marcaram o contexto político.

## 1.1 As causas políticas

Como todo conflito de proporções internacionais, existem as causas políticas que fomentaram e levaram ao início do conflito, o que também ocorreu na Guerra dos Trinta anos. Deve-se, pois, analisar primeiramente o contexto e as mudanças políticas que aconteceram na Europa desde o surgimento da Reforma Protestante até o surgimento da Guerra.

### 1.1.1 A Reforma Protestante

Uma área que foi essencial para o acontecimento da Guerra<sup>3</sup> foi a própria Reforma Protestante. Embora tal evento também se encaixe como um motivo “religioso”, é impossível não citá-la como uma motivação política. Até o período “pré-reformista” a Igreja Católica não comandava e controlava somente a área religiosa da Europa, como também todos os âmbitos da sociedade, desde a área social até a área política e até mesmo militar de algumas nações.

Um bom exemplo do tamanho do poder e da influência que a Igreja Católica detinha está no artigo “**Ser ou não Ser? Eis a questão!**”, produzido pelo professor Claiton André Kunz, no qual ele retrata a presença e o desejo de poder da igreja sobre as demais áreas da sociedade, desde influências políticas sobre os reinos europeus, como a decisão de casamentos entre as nobrezas dos países, e até mesmo a fomentação de conflitos entre reis. Da mesma forma, a igreja controlava tudo aquilo que era ensinado e descoberto no meio científico, ou seja, controlava e decidia o que era e o que não era verdade, através da Inquisição.<sup>4</sup>

Porém, no momento em que Lutero rompeu com a Igreja Católica, ele consegue desestabilizar essa “hegemonia de poder”. Ele não fez um rompimento somente na área religiosa, mas também (e principalmente) na área política da

---

<sup>3</sup> Quando for usada somente a palavra “Guerra” será uma referência direta a Guerra dos 30 anos, quando for usada a palavra “guerra” sem letras maiúsculas será em referência a qualquer outro conflito.

<sup>4</sup> KUNZ, Claiton André. **Ser ou não Ser? Eis a questão!**. Via Teológica, 2002. p 113-121.

Alemanha, que mais tarde influenciaria todo o continente europeu. Isso causa uma grande confusão não somente para a Alemanha, mas para os próprios países ao redor.<sup>5</sup>

Um exemplo do tamanho desse rompimento político que Lutero causou é quando ele é excomungado da Igreja Católica e expulso da Ordem Agostiniana em 1521. Quando ele recebeu a carta de excomunhão, ele a rasgou e a queimou na frente de centenas de pessoas. Após tal evento, ele começou a incitar os nobres a tomarem as terras não só da Igreja, mas também dos mosteiros, para que dessa forma fosse possível destruí-los financeiramente. Alguns nobres seguiram tal “incentivo” de Lutero e tomaram algumas terras da igreja, e muitos destes nobres se tornaram seus aliados.

Lutero, que antes apenas queria reformar a Igreja Católica, acabou sendo motivado para fundar uma nova igreja. Então surge a *Igreja Reformada*, ou *Igreja Evangélica de Confissão Luterana*. Com isso, os nobres que davam apoio a Lutero começaram a “converter” os camponeses que moravam em suas terras. Uma conversão forçada, mas que não foi difícil, já que os camponeses, sem escolaridade e com pouco ou até mesmo nenhum conhecimento sobre o cristianismo, não participavam da discussão da Reforma, e não sabiam a real diferença entre a Igreja Católica e essa nova igreja que surgia.

Como as ideias luteranas estavam concentradas no norte da Alemanha, elas se espalharam facilmente para países como Noruega, Dinamarca e Suécia, onde os nobres desses países começaram a agir de igual maneira que os nobres alemães, convertendo os “camponeses” de seus feudos às ideias luteranas. Alguns nobres alemães começaram a invadir e a anexar terras pertencentes a igreja, assim como alguns mosteiros. Mesmo Carlos V, sendo um apoiador da causa católica, não desejava um conflito com esses nobres, por isso nada fez em relação a tais situações.<sup>6</sup>

Outro exemplo da confusão política que isso gerou é o momento em que seis príncipes alemães, de quatorze cidades independentes, não aceitaram a ordem da *Segunda Dieta de Sproy*, em 1529, na qual o Imperador Carlos V declarou e ordenou por lei a fé católica como única conduta de fé.<sup>7</sup> Esta ordem deveria ser obedecida por

---

<sup>5</sup> NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p.163.

<sup>6</sup> ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x Protestantes: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)**. Edição do Kindle, 2015, posição 336-391.

<sup>7</sup> KNIGHT, A. E. **História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX**. Rio de Janeiro: CPAD, 1983, p. 233.

todos os príncipes do império. Ao invés disso, estes seis príncipes alemães redigiram uma carta de protesto contra esta lei, que ficou conhecida como o *Protesto de Spyer*. Tal evento foi tão significativo, que a partir de então os luteranos e demais “denominações cristãs” foram chamados de Protestantes.<sup>8</sup>

### 1.1.2 A Liga Smalkalde

Mesmo após o protesto de *Spyer*, o Imperador Carlos V não deu liberdade religiosa aos Luteranos. Muito pelo contrário, ele desconsiderou o protesto e fez vigorar mais uma vez o edito de *Worms*, que defendia que a autoridade episcopal deveria ser restabelecida, os livros “heréticos” queimados, e os bens que eram da Igreja deveriam ser devolvidos.

Os nobres luteranos, ao verem que essa hostilidade poderia representar algum problema futuro para seus feudos, resolvem tomar uma decisão. Em 1531, reunindo-se na cidade de *Gotha*, na Alemanha, é fundada, então, a *Liga Smalkalde*, uma aliança militar que tinha como objetivo proteger os feudos luteranos, caso o governo central do Sacro Império Romano Germânico os atacasse.

A criação dessa aliança foi aprovada e legitimada por Lutero, que declarou que era totalmente lícita a revolta contra um senhor tão injusto como o Imperador. Com isso formou-se uma Alemanha reformada e anti-imperial. Em pouco tempo todos os estados protestantes participariam dessa aliança, incluindo até mesmo a Dinamarca.<sup>9</sup>

Essa aliança determinava que qualquer ataque por parte do Império, contra algum feudo protestante, seria um ataque a todos os outros feudos, portanto todos os exércitos deveriam se unir para que pudessem se defender e retaliar o ataque. A criação dessa aliança militar mostra o tamanho da hostilidade que havia surgido na Europa após a Reforma Protestante. A criação dessa aliança inspiraria fortemente a criação de outra aliança futuramente, uma que teria papel direto na Guerra dos Trinta Anos, a *União Protestante*.

A aliança *Smalkalde* é convocada em 1546, pois, com a morte de Lutero, o Papa Paulo III pensa que seria o momento ideal para recuperar as terras que ficavam no norte da Alemanha dos luteranos. Então, no mesmo ano, o Imperador Carlos V,

---

<sup>8</sup> CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 265-266.

<sup>9</sup>ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma (I)**: A Reforma Protestante. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984, p. 331-332.

com o apoio e incentivo do Papa, formou um grande exército ao sul da Alemanha para reconquistar essas terras e promover o catolicismo novamente.

A Liga Smalkalde se posicionou e se preparou com 10.000 soldados, em uma tentativa de defender os feudos ditos luteranos. A Liga é derrotada na batalha que ficou conhecida como *Batalha de Mulhberg*, porém não erradicada, pois as tropas luteranas eram bem equipadas. Após essa batalha, continuaram a acontecer vários conflitos esporádicos, que só acabariam em 1555, com um tratado de paz, conhecido como *Paz de Augsburg*.<sup>10</sup>

### 1.1.3 A Paz de Augsburg

A Reforma Protestante foi um movimento que desestabilizou o sistema europeu da época. Foi algo tão grande que criou uma série de conflitos não somente dentro da Igreja Católica, mas entre as nações. Vários principados que haviam se identificado com a fé protestante, seja por motivo religioso ou político, começaram a competir com seus senhores, como foi o caso dos príncipes alemães.

A hostilidade entre luteranos e católicos havia se tornado tão grande, que até mesmo uma aliança militar entre feudos e nações “protestantes” foi criada (*Liga Smalkalde*), para garantir a segurança territorial e política dos príncipes que haviam adotado as idéias reformadas. Isso deixou a Europa em estado de grande tensão, pois essa disputa estava saindo do âmbito religioso e entrando no âmbito político e militar.

De fato, conflitos começaram a surgir, primeiramente apenas alguns focos e em pontos isolados. Porém, o ápice foi com a *Batalha de Mulhberg*, na qual 10.000 soldados luteranos foram posicionados para lutar contra os exércitos do Imperador Carlos V (que havia sido motivado pelo Papa Paulo III), gerando uma grande derrota para a *Liga Smalkalde* e o movimento protestante.

Carlos V, após vencer a *Liga Smalkalde*, procurou implementar o *Ínterim de Augsburg*<sup>11</sup>, porém foi fortemente rejeitado pelos protestantes, que alegaram ser “*obra do demônio e do Anticristo*”. Ao ver que a causa protestante não havia sido erradicada e que haviam surgido grandes perdas para os príncipes luteranos e para o Sacro Império Romano-Germânico, ambos os lados estavam simpatizando mentalmente

---

<sup>10</sup>ALVES, 2015. Posição 473-725.

<sup>11</sup> Decreto Imperial feito pelo Imperador que continha ordens a serem seguidas em todo o império. Neste caso obrigava os protestantes a voltarem com os costumes e tradições católicas, como, por exemplo, os 7 sacramentos.

com alguma espécie de acordo. Então, em 1555, na cidade de Augsburg foi assinado o *Tratado de Paz de Augsburg*.

Este tratado foi curioso, já que não teve nenhum representante papal presente, nem Carlos V, mas apenas seu irmão Fernando que se apresentou como seu representante. Os príncipes procuravam escapar do controle imperial, os protestantes queriam liberdade e reconhecimento para liderar e reformar a igreja, e as cidades queriam a sua própria proteção dos conflitos. Em resumo, o Tratado de Augsburg foi uma “paz pública”, pois os dois lados concluíram que era uma futilidade uma resolução da questão religiosa no momento.<sup>12</sup>

As cláusulas do tratado decretavam alguns pontos, que eram: (1) direito de culto e de estruturação eclesial para os adeptos da Confissão de Augsburg<sup>13</sup>; (2) soberania do príncipe sobre a religião com base no princípio de que, onde há um governante, deve haver somente uma religião, o chamado: “*ubi unus dominus, ibi una sit religio*”. Este princípio foi formalizado em 1600 como “*cuius regio, eius religio*”, que defendia de quem fosse o reinado seria também a liderança e escolha da religião.

Também foi garantido o direito de emigrar (3) para os súditos que não estivessem dispostos a aceitar a religião do seu príncipe, a chamada “*ius emigrandi*”. Foi decretada também a “reserva eclesiástica” (4), que retirava um príncipe eclesiástico do seu cargo, caso ele se tornasse luterano; a manutenção do *status quo* das cidades onde as duas religiões estivessem presentes (5); e o direito dos príncipes seculares de reterem propriedades eclesiásticas que tivessem tomado até o ano de 1552 (6).<sup>14</sup>

Porém, esse tratado foi assinado somente por duas “religiões cristãs”, ou “dois lados”: a Igreja Católica e a Igreja Luterana. O que isso implicava? As demais igrejas, ditas protestantes, como as calvinistas e as anabatistas, foram deixadas de lado. As vantagens do tratado, como proteção religiosa e liberdade de controle eclesiástico, eram válidas somente para os Luteranos. Isso se tornaria um problema futuramente para toda a Europa.

---

<sup>12</sup>GARDINER, Samuel. **The Thirty Years War**. Canada, 2018. Ozymandias Press. Edição do Kindle, posição 186-218.

<sup>13</sup> Documento redigido contendo as crenças e princípios protestantes, foi apresentada em 1530 na *Dieta de Augsburg*.

<sup>14</sup> LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal. 2001. p 293-295.

Dessa forma, na Alemanha, a Reforma recebia finalmente o seu estatuto político. Isso desmembraria o país, e a Paz de Augsburg, que parecia um momento de “descanso” para os principados, estava, na verdade, carregando as bases da Guerra dos Trinta Anos, que aconteceu no século seguinte, englobando toda a Europa.<sup>15</sup>

## 1.2 As causas “religiosas”

Um aspecto importante, e até mesmo central a respeito da Guerra, é o aspecto religioso. Esse conflito ficou conhecido como um conflito por causas religiosas, um conflito entre católicos e protestantes, portanto é de grande importância tratar dos motivos e eventos de âmbito religioso que influenciaram e, talvez, até mesmo fomentaram essa guerra, tanto do lado protestante quanto do lado católico.

Nesta seção do primeiro capítulo serão estudados dois eventos “religiosos” da Reforma Católica, ou Contra-Reforma, que tiveram influência para a formação das bases e do contexto da Guerra dos Trinta Anos. Serão estudados o *Concílio de Trento* e fundação da *Companhia de Jesus*, conhecida como *Ordem dos Jesuítas*.

### 1.2.1 O Concílio de Trento

“*Este Concílio acabará dentro de semanas!*”, havia exclamado um bispo italiano pouco antes do início do que seria o concílio ecumênico mais demorado da história da Igreja Católica: o Concílio de Trento (1545-1563). O Papa Paulo III, ao ver que a igreja de Roma havia perdido grande parte do seu território para as igrejas que haviam saído da Reforma (calvinistas, anabatistas, anglicanos, etc), viu-se obrigado a tomar alguma atitude para que o novo cisma pudesse ser controlado o quanto antes.<sup>16</sup> Então, em 1545, são convocados todos os cardeais para se apresentarem na cidade de Trento, e teve início o Concílio que aumentaria a separação entre católicos e protestantes.<sup>17</sup>

A realidade é que as ideias protestantes já haviam dominado o sudeste da França, a Dinamarca, boa parte da Suécia, Noruega, Finlândia, Holanda, Suíça, Islândia, Escócia e Inglaterra. Embora estes países não seguissem o mesmo ramo protestante, todos tinham algo em comum: haviam se separado ou estavam se separando de Roma.

---

<sup>15</sup> ROPS, 1984. p 480-484.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **História do Cristianismo em esboço**. Recife: STBNB, 1998, p. 220.

<sup>17</sup> MARTINA, Giacomo. **História da igreja: De Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 239.

O Papa tinha como objetivo resolver essa situação que havia se alastrado por toda a Europa, e de fato as discussões do Concílio foram fervorosas, já que alguns cardeais simpatizavam com algumas ideias da Reforma<sup>18</sup>, como a justificação pela Fé.<sup>19</sup> Porém, mesmo assim, eles consideravam alguns fundamentos do protestantismo como errados, como a negação dos cultos aos santos e a não obediência ao papado.<sup>20</sup>

Porém, a maioria esmagadora do concílio era radicalmente contra as igrejas protestantes<sup>21</sup>, ao ponto de que havia partes que desejavam considerar todas as igrejas da reforma como heréticas. Mesmo assim, uma questão ganhou consenso do Concílio: a Igreja precisava de uma reforma.

Ao fim do Concílio, que havia durado 18 anos, algumas questões sólidas do catolicismo foram reafirmadas: o papado era a representação visível de Cristo na terra, e a tradição estava em pé de igualdade com a Bíblia, questões fundamentais criticadas fortemente por Lutero.

Da mesma forma, a Justificação pela fé foi rejeitada, argumentando-se, baseado em Tiago, que as obras também eram necessárias para a salvação. Assim também foi rejeitada a predestinação e reafirmaram o livre-arbítrio (questões criticadas e combatidas não somente por Lutero, mas também por João Calvino).

Foram defendidas a transubstanciação, a crença no Purgatório e o culto aos santos. Para reforçar todas estas crenças, foi aprovada a inclusão de mais 7 livros no cânon bíblico, livros que eram considerados apócrifos; Tobias, Judite, Baruque, Eclesiástico, Sabedoria de Salomão, os dois livros de Macabeus e adições de capítulos nos livros de Daniel e no livro de Ester. Tais livros não são aceitos nem pelos judeus ou por qualquer outra igreja cristã.<sup>22</sup>

Foram revogadas e extintas as indulgências (maior crítica de Lutero contra a Igreja Católica), os bispos e padres foram obrigados a residir em suas igrejas e não mais em casas próprias longe de suas paróquias, e também foi ordenado que eles

---

<sup>18</sup> NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 202.

<sup>19</sup> NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 215-216.

<sup>20</sup> ROPS, 1984, p. 103-105.

<sup>21</sup> GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 185.

<sup>22</sup> ALVES, 2015, posição 877-893.

ensinassem melhor seus fiéis em relação às crenças católicas, para que assim não fossem convencidos facilmente pela doutrina protestante.

Embora o Concílio de Trento tenha feito algumas mudanças “significativas” em relação a alguns princípios da Reforma, como as Indulgências e o ensinamento dos fiéis, no fim somente aumentou as discordâncias e separando de vez as igrejas protestantes da Igreja Católica, tornando impossível um “reconciliamento” entre as duas igrejas. No fim, este cisma levou toda a Europa a um grande caos.<sup>23</sup>

### 1.2.2 Os Jesuítas

Enquanto a Inquisição foi a arma defensiva da Igreja Católica em relação a novos ensinamentos e doutrinas, tanto antes, quanto depois da Contra Reforma, já em contrapartida a Ordem dos Jesuítas era o seu instrumento e estratégia na ofensiva. Esta Ordem foi fundada e aprovada pelo Papa em 1540. O fundador dos Jesuítas foi Ignácio de Loyola, que era de uma rica família de nobres bascos.<sup>24</sup>

Após ter vivido a vida comum de um nobre rico (amores e jogos), ele procurou se tornar soldado, porém, em 1521, teve sua perna esmagada em uma batalha contra os franceses, e por um ano ele ficou no hospital, tendo sua perna refixada no lugar. Nesse tempo, ele se dedicou a leituras e religiosas e foi onde supostamente teve uma experiência com Deus.

Após isso, ele se entregou completamente ao estudo religioso, ao ponto de que em 1534 ele e mais seis companheiros fundaram o núcleo da Ordem Jesuíta que, em seis anos, receberia a aprovação papal. Embora essa nova ordem religiosa tenha iniciado somente com seis membros, em 1566 ela tinha um total de 1000 monges a serviço ao Papa.

Alguns votos da Ordem dos Jesuítas se assemelhavam muito à Ordem Franciscana, como os votos de pureza, castidade e pobreza. Porém, havia alguns detalhes dessa ordem que influenciaram muito o contexto da Europa, um deles era a fé e a obediência completamente cega no Papa.<sup>25</sup>

Os principais objetivos dessa ordem eram a educação dos fiéis na doutrina católica, que foram reafirmados e ganharam incentivo no Concílio de Trento (ver o subponto anterior), as missões estrangeiras, que tiveram influência por todo o mundo,

---

<sup>23</sup> CAIRNS, 2008, p. 320-321.

<sup>24</sup> DREHER, Martin N. **A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 118-119.

<sup>25</sup> LINDBERG, 2001, p 410-415.

como nas Américas, Índia e até mesmo China, e por fim o combate às “heresias” que estavam surgindo, nesse caso, para a Ordem dos Jesuítas, os próprios protestantes.

Os Jesuítas trabalhavam com duas ferramentas de apoio<sup>26</sup>: a Inquisição e o *Índex*<sup>27</sup>. Dessa forma, grande parte da Alemanha retornou para a Igreja Romana, assim como boa parte do sul da Holanda e da Polônia. A eficiência dos Jesuítas era imensa, porém foi essa eficiência e o desejo de servir cegamente aos desejos do Papa que os fizeram tomar decisões erradas.

Com essa grande missão de ganhar e retomar terras para a Igreja, e também de combater toda e qualquer doutrina contrária às de Roma, que os Jesuítas começaram a se envolver politicamente. Eles começaram a se tornar conselheiros de diversos príncipes, reis e senhores, e por meio disso eles defendiam que todo e qualquer método era válido, desde que a Igreja de Cristo ganhasse no fim.

A influência jesuítica era tão grande que o Imperador *Ferdinando II* foi ensinado por eles a odiar os protestantes, assim como *Maximiliano da Baviera*. Estes dois homens foram os que estiveram na primeira fase da Guerra dos Trinta anos, e foram fortemente fomentados pelos Jesuítas a combaterem os protestantes, alegando que se tratava de uma guerra santa.<sup>28</sup>

### **1.3 As Ligas católicas e protestantes**

Nos anos próximos ao início da Guerra dos Trinta Anos surgiram duas ligas que foram de grande importância para a Guerra, ao ponto que representaram os lados rivais e até mesmo “controlaram” o rumo da batalha.

Desde 1555, com o tratado de paz de Augsburg, conflitos militares de magnitude mais grave entre luteranos e católicos não mais aconteciam. Porém é importante mencionar novamente um detalhe que já foi tratado antes nesta pesquisa. A paz de Augsburg não enquadrava calvinistas, anabatistas ou qualquer outra denominação dita protestante que não fossem os luteranos.

Isto gerou forte indignação por parte dos membros destas linhas protestantes que foram excluídas do tratado, principalmente por parte dos príncipes que adotaram estas linhas.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> NICHOLS, 1997, p. 206.

<sup>27</sup> Lista de livros proibidos pela Igreja Católica, criado em 1559 pelo Papa Paulo IV (Robert Hastings Nichols em “*História da Igreja Cristã*”).

<sup>28</sup> CAIRNS, 2008, p, 320-321.

<sup>29</sup> GARDINER, 2018, posição 216-224.

Os países entraram em grande tensão. A Boêmia, uma região tcheca, em 1605 tinha como, maioria religiosa, a igreja calvinista. Porém, os nobres que governavam a região eram católicos, portanto o culto calvinista era proibido, ao ponto que, para ser construída alguma igreja desta linha, era necessário pedir autorização ao governante católico (que obviamente não a dava).

Os Jesuítas estavam com grande influência na região da Boêmia e principalmente na região do Sacro Império Romano-Germânico, pois eram extremamente favoráveis à família dos Habsburg, que dominava este Império e também a Espanha. Desta forma, eles buscavam consolidar o catolicismo em todas as regiões.

Do outro lado, algumas nações estrangeiras, como a Dinamarca e Suécia, que detinham grande poder, estavam se posicionando em relação a essas tensões. Ambas se declararam protetoras do luteranismo e que iriam proteger e interferir militarmente diante da primeira ameaça que surgisse contra os luteranos.

Na Hungria, os calvinistas também avançavam muito. Por conta disso, os Jesuítas investiram fortemente nesse país, construindo diversas escolas e até mesmo uma universidade: a *Pázmani Peter*. Porém, mesmo com tantos esforços, o calvinismo continuava a avançar pela região. Porém, em 1604, o novo Imperador, Rodolfo II, influenciado pelos Jesuítas, ordenou a proibição do calvinismo em toda a região da Hungria, ameaçando usar as tropas do Império para atacar os feudos que se recusassem a obedecê-lo.<sup>30</sup>

Isso gerou uma grande revolta entre os nobres, que organizaram uma rebelião contra as tropas imperiais, atacando-as em diversos pontos. O Imperador, como não queria uma guerra, resolveu retirar suas tropas, porém isso já havia causado uma grande desconfiança entre os nobres luteranos.

Então, em 1608, temendo que pudessem ser atacados ou ameaçados novamente, os príncipes luteranos e protestantes criam a União Protestante, ou União Evangélica, que teve como líder o príncipe eleitor do palatinado: *Frederico IV*. Essa foi uma aliança militar criada nos mesmos moldes que a antiga *Liga Smalkalde* em 1531.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> ALVES, 2015 posição 1071-1099.

<sup>31</sup> ROPS, 1984, p. 232-233.

Em resposta, um ano depois, foi fundada a *Liga Católica*, outra união militar entre os países católicos que eram favoráveis ao Papa.<sup>32</sup> Estes tinham como objetivo intervir em qualquer situação de conflito com os feudos protestantes. Já haviam sido postas as linhas de batalhas, os príncipes delimitavam suas posições, recrutavam tropas e faziam alianças. A partir desse momento, a Paz de Augsburg, que atrasou por tanto tempo os conflitos, estava condenada.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> KNIGHT, 1983, p. 334.

<sup>33</sup> NOGUEIRA, Adelson. **A Guerra dos Trinta Anos**. Clube de Autores. p 5-6.

## 2. A GUERRA DOS 30 ANOS

O continente europeu inicia o século 17 em uma rara e curta paz. O Sacro Império Romano Germânico, que controlava os feudos alemães, os ducados austríacos e o norte da Itália, assim como a Suíça e os Países Baixos estava relativamente “protegido” de conflitos religiosos, já que desde 1555 a Paz de Augsburgo mantinha católicos e luteranos em trégua, mesmo que outras igrejas de cunho protestante tenham sido “excluídas” desse tratado, como as calvinistas e as anabatistas.<sup>34</sup>

Na Inglaterra, graças ao reinado de Elizabeth I, que havia adotado a crença calvinista como política não só de Estado, mas também como método e sistema econômico, o país estava prosperando e crescendo rapidamente, tornando-se em pouco tempo uma das maiores economias de toda a Europa.<sup>35</sup>

Na França, o Édito de Nantes garantia liberdade religiosa e de culto aos Huguenotes. Graças a isso as igrejas protestantes avançavam com uma velocidade impressionante, principalmente as de crença calvinista, como na Holanda e na Boêmia, que fazia parte dos países tchecos.

Já na Península Ibérica (que na época compreendia somente a Espanha, já que a coroa de Portugal estava unida com a coroa da Espanha) e nas colônias espanholas, as igrejas protestantes não conseguiram avançar, pois, graças às ações da Inquisição Espanhola e dos trabalhos dos Jesuítas foi possível formar hegemonia de pensamento católico, tanto na Península Ibérica quanto na América Espanhola.<sup>36</sup>

E na Itália, que na época não era um país consolidado, mas um conglomerado de feudos e cidades-estados, a figura pessoal do Papa impedia que as igrejas protestantes tivessem qualquer tipo de avanço dentro da Península Itálica, mantendo parte da hegemonia católica.<sup>37</sup>

A Guerra dos Trinta Anos aconteceu em quatro etapas, ou fases, distintas: o período Palatino-boêmio, o período dinamarquês, o período sueco e, por fim, o período francês. Dessas quatro fases, as duas primeiras tiveram motivações e justificativas religiosas, e também foram em sua maioria conflitos locais, enquanto as últimas duas fases tornaram-se mais um conflito político do que religioso e, com a

---

<sup>34</sup> ROPS, 1984, p. 230.

<sup>35</sup> MARTINA, 1993, p. 159.

<sup>36</sup> NICHOLS, 1997, p. 206-207.

<sup>37</sup> ALVES, 2015, posição 1011-1023.

entrada de Gustavo Adolfo II, Rei da Suécia na terceira fase da Guerra, esta tomou proporções continentais. Neste capítulo serão abordados tais fases da Guerra, sendo analisados alguns momentos específicos de cada uma.

## **2.1 Período Palatino-Boêmio (1618-1624)**

Esta é a primeira fase da Guerra dos Trinta Anos. É chamada de “Período Palatino-Boêmio” ou só “Período Boêmio” por conta do local onde ela se iniciou: a região do Palatinado e principalmente na região da Boêmia. Esta fase é considerada o estopim da Guerra, marcada por revoltas e grandes conflitos locais, que tinham como principal motivo a falta de liberdade de culto.

### **2.1.1 A defenestração de Praga (1618)**

Embora tenham sido criadas as Ligas Católicas e Protestantes, não houve nenhum movimento significativo de ambas as partes por oito anos. O que existia era uma tensão entre os países de cada lado. As denominações que foram proibidas pelo Tratado de Augsburg, principalmente as calvinistas, estavam revoltadas e continuaram sendo perseguidas por príncipes católicos em várias regiões da Europa<sup>38</sup>

Enquanto isso, na região da Boêmia, que já contava com a maioria de sua população adepta às doutrinas e crenças calvinistas, Fernando II<sup>39</sup> foi coroado rei. Ele cresceu e foi educado em escolas jesuíticas, tornando-se um grande defensor do catolicismo na região. Com a sua coroação, os calvinistas foram discriminados com mais força, não somente pelos católicos, mas pelo próprio Fernando II, que proibiu os cultos públicos e a construção de novas igrejas.<sup>40</sup>

Com esse contexto, alguns grupos de católicos radicais se formaram, e destruíram algumas igrejas calvinistas da região da Boêmia. Com tal situação, os calvinistas pediram a Fernando II que tomasse alguma atitude contra esses agressores, para que dessa forma os calvinistas pudessem ter ao menos a proteção de culto, porém foram totalmente ignorados pelo rei.<sup>41</sup>

Revoltados com a atitude tomada pelo rei, de ignorar os seus pedidos de ajuda, alguns nobres calvinistas e luteranos, que também eram perseguidos pelos católicos, foram até seu palácio em Praga, capital da Boêmia, pedindo uma reunião,

---

<sup>38</sup> ROPS, 1984, p. 230.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, 1998, p. 224-225.

<sup>40</sup> ALVES, 2015, posição 1104

<sup>41</sup> ROPS, 1984, p. 234.

porém foram recebidos por alguns de seus emissários, que lhes disseram que o rei não iria recebê-los. Revoltados, os nobres agarram alguns desses emissários e os arremessaram pela janela do segundo andar do palácio; alguns morreram outros ficaram feridos com isto.<sup>42</sup>

Tal evento ficou conhecido como a Defenestração de Praga. Foi o que marcou a revolta calvinista, e é considerado o estopim da Guerra dos Trinta Anos, pois tal atitude enfureceu Fernando II, que começou a armar suas tropas e a prepará-las para atacar os protestantes.<sup>43</sup>

Sendo um Habsburgo e um ferrenho defensor do catolicismo, Fernando II recebeu apoio da Espanha, da *Liga Católica* e do Papa, montando um grande exército. Os nobres calvinistas e luteranos convocaram a Liga Protestante e iniciaram a revolta armada contra o rei. Assim, deu-se início a uma Guerra que levaria três décadas para acabar.<sup>44</sup>

### **2.1.2 A batalha da Montanha Branca (1620)**

Após o assassinato dos emissários do rei Fernando II, os rebeldes instauraram por conta própria um novo governo, tendo Frederico V, eleitor do Palatinado, como seu rei. Em 1619 ocorre um outro fato importante para Fernando II: Matias, que era o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, falece, e, como Fernando II era seu primo, os líderes católicos o escolheram para se tornar o novo Imperador. Dessa forma, Fernando II teve maior influência e poder sobre diversos estados da Europa.<sup>45</sup>

O novo imperador não ficou de braços cruzados em relação ao ato dos rebeldes de instituírem Frederico V como novo rei da Boêmia. Em 1620, as tropas católicas e do Imperador invadiram a Boêmia e derrotaram os protestantes, na batalha que ficou conhecida como "*Batalha da Montanha Branca*", que ocorreu a poucos quilômetros de Praga.

O Imperador foi impiedoso com os derrotados. Todos os líderes do movimento foram executados, suas famílias expulsas das suas próprias terras que foram confiscadas pelo Imperador, que as deu para as famílias católicas leais a ele.

---

<sup>42</sup>ALVES, 2015, posição 1109.

<sup>43</sup>GARDINER, 2018, posição 353-369

<sup>44</sup>OLIVEIRA, 1998, p. 226.

<sup>45</sup>ALVES, 2015, posição 1138.

Frederico V, que foi instituído Rei da Boêmia pelos rebeldes, conseguiu fugir, após a batalha, para a Holanda, onde ficou refugiado. Foi da Holanda que ele coordenou algumas incursões contra os católicos, mas que no fim foram mal sucedidas. Enquanto isso, a liberdade da população da Boêmia como nação praticamente deixou de existir.<sup>46</sup>

A coroa da Boêmia tornou-se algo hereditário para a casa dos Hagsburg, a religião católica foi imposta a força aos boêmios, que já tinham o calvinismo praticamente como religião majoritária. As igrejas protestantes foram fechadas, a língua alemã foi imposta ao mesmo peso da língua tcheca (língua natural e oficial da região). Todos os professores e educadores protestantes foram destituídos de seus cargos e substituídos por professores jesuítas, que combateram os ensinamentos calvinistas.<sup>47</sup>

Fernando II conseguiu derrotar os rebeldes calvinistas que haviam se levantado contra ele. Foi uma grande vitória para o recém-coroadado Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Porém, a sua vitória e as políticas extremas que foram impostas sobre os calvinistas e protestantes boêmios. Suscitaram novas revoltas pela Europa, dessa vez mais ao norte, na Dinamarca.<sup>48</sup>

## **2.2 Período Dinamarquês (1624-1629)**

Em 1624, o rei da Dinamarca, Cristiano IV, que também era rei da Noruega, recebeu pedidos de ajuda de nobres luteranos da região da Alemanha, que na época era um conglomerado de estados. Estes temiam ser os próximos alvos de Fernando II, que, após a sua vitória na região da Boêmia, estava confiante de que poderia derrotar os luteranos.

Ao mesmo tempo, os holandeses, que estavam em guerra contra as forças espanholas (Hagsburgs), fizeram alianças com os nobres alemães e também enviaram pedidos de ajuda ao rei dinamarquês. Cristiano IV era um forte defensor do protestantismo, então prontamente ele armou seus soldados e começou a avançar para o sul.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup>BRANDÃO, Jackson de Souza. **A Guerra dos Trinta Anos: imagens de um período de transição.** São Paulo, USP: *Acadêmica*, ano 4, n. 6-8, 2012, p. 11.

<sup>47</sup>ALVES, posição, 1160-1166.

<sup>48</sup>BRANDÃO, 2012, p. 11.

<sup>49</sup>DARBY, Graham. **The Thirty Years War.** Londres: Graham Darby Edition, 2013, posição 1112-1228

O objetivo de Cristiano era formar um grande estado luterano, por isso ele começou a anexar algumas regiões ao norte da Alemanha para a Dinamarca. A primeira região a ser anexada foi a Saxônia, algo extremamente fácil, já que ele contava com o apoio dos nobres alemães.<sup>50</sup>

Porém, o Imperador não ficaria simplesmente parado observando suas terras serem tomadas por um rei protestante. Então, em 1625, ele envia o general Tilly, que estava na Boêmia, para combater as forças dinamarquesas ao norte, e é nesse momento que o Imperador recebe mais um importante apoio.

Albrecht von Wallenstein, duque de Friedland, um nobre tcheco, tinha aos seus serviços algumas dezenas de milhares de mercenários. Wallenstein ofereceu-os para Fernando II, que aceitou de bom grado este reforço. As tropas imperiais, agora reforçadas com os mercenários de Wallenstein, enfrentaram-se na cidade de Dessau.

### **2.2.1 A Batalha da ponte Dessau (1626)**

Os protestantes, que agora contavam com o apoio do rei da Dinamarca, previram a chegada das tropas católicas, e procuraram se posicionar em uma ponte que ficava perto da cidade, no rio Elba. Liderados por Ernest von Mansfeld, que lutou na Boêmia, os protestantes procuraram criar uma estratégia para ganhar das tropas católicas.

Mansfeld fez com que seu exército de 12.000 soldados parecesse menor, escondendo-os. Mansfeld planejava enganar Wallenstein, fazendo-o relaxar, pensando que a vitória seria fácil. As tropas católicas chegaram à ponte em abril de 1625, com 20.000 soldados, e, ao contrário do que Mansfeld pensava, a batalha foi extremamente difícil, de modo que suas tropas fossem subjugadas pouco a pouco.<sup>51</sup>

Em um ato de desespero, Mansfeld ordenou que todas as suas tropas atacassem de uma única vez, porém isso o levou à derrota, pois eles foram bombardeados pelos canhões de Wallenstein. Esta batalha durou dias e teve como vencedor Wallenstein, que fez os protestantes recuarem.<sup>52</sup>

Cerca de 4.000 protestantes morreram nessa batalha. Não há dados de quantos mercenários do lado católico morreram. Ao fim desta batalha, os protestantes recuaram e os mercenários de Wallenstein pilharam completamente a cidade de

---

<sup>50</sup> SCHILLER, Friedrich. **The Thirty Years War**. San Diego: Didactic Press, 2015, p. 76.

<sup>51</sup> ALVES, 2015, posição 1209-1216.

<sup>52</sup> EDMUNDSON, G. **Europe during the Thirty Years War**. Canadá: Ozymandias Press, 2018, posição 1605-1626.

Dessau. Esta derrota fez com que os católicos avançassem mais ao norte, onde todas as tropas dinamarquesas estavam concentradas, na cidade de *Lutter Bem Barenberg*.<sup>53</sup>

### **2.2.2 Batalha de Lutter (1626)**

Com a derrota dos protestantes em Dessau, a cidade de Lutter tornou-se um porto seguro para as tropas, que recuaram em busca de ajuda. Ao ver que parte de suas tropas haviam sido derrotadas em Dessau, o próprio rei Cristiano IV saiu da Dinamarca e viajou para Lutter, com o objetivo de inspirar suas tropas e vencer os exércitos do Imperador Ferdinando II, que avançavam cada vez mais.

Em 1626, o exército imperial de Ferdinando II, reforçado com os soldados da Liga Católica, encontrou-se com as tropas dinamarquesas de Cristiano IV. O general Tilly, líder dos soldados católicos, estava decidido a vencer os protestantes. Tilly conseguiu expulsar as tropas protestantes da cidade, e cerca de 20.000 soldados protestantes avançaram contra praticamente o mesmo número de soldados católicos em campo aberto.<sup>54</sup>

As tropas católicas conseguiram suportar, graças a sua infantaria, três vezes os avanços dinamarqueses. Porém, Cristiano IV contava com uma bem preparada cavalaria, que começou a obrigar as tropas imperiais a recuarem. A vitória parecia estar ao alcance de Cristiano IV, que acreditou que venceria com sua cavalaria, porém novamente um erro foi cometido: a sua cavalaria havia se cansado e a artilharia foi obrigada a avançar, perdendo força contra os católicos.

Nesse momento, as tropas imperiais mais uma vez prevaleceram, matando em torno de 6.000 protestantes dinamarqueses e capturando outros 2.500. Cristiano IV foi forçado a voltar para a Dinamarca derrotado. Já do lado católico não há dados do número das perdas sofridas.<sup>55</sup>

### **2.2.3 As batalhas de Stralsund e de Wolgast (1628)**

Após a derrota de Cristiano IV em Lutter, o domínio católico na região norte da Alemanha aumentou consideravelmente, ao ponto de que os governantes acharam que a guerra acabaria. Porém, o rei da Dinamarca ainda não havia desistido. Cristiano

---

<sup>53</sup>DYER, Henry. **The Thirty Years War**. Cristo Raul Edition, 2012, posição 2334-2358.

<sup>54</sup>EDMUNDSON, 2018, posição 1651-1675.

<sup>55</sup>GARDINER, posição 1148-1154.

IV procurou contactar alguns oficiais escoceses presbiterianos, para que fossem até seu país ajudar a comandar seus exércitos.

Estes oficiais levaram cerca de 11.000 mercenários para apoiar o rei dinamarquês. Já na região do extremo norte da Alemanha, chamada Pomerânia, havia uma cidade portuária que se recusava a obedecer ao imperador católico. Esta cidade tinha como maioria luteranos e calvinistas, que temiam uma invasão da Liga Católica, e por isso pediram ajuda à Dinamarca e a Suécia, dois países luteranos.<sup>56</sup>

Em maio de 1628, Wallenstein, comandando as tropas imperiais, fez um cerco à cidade de Stralsund, exigindo que obedecessem ao Imperador. Porém, a cidade começou a receber apoio por meio do mar da Dinamarca e da Suécia, não somente de soldados, mas também de suprimentos, o que aumentaria o tempo de cerco.

Com isso, Wallenstein atacou a cidade em junho, perdendo a investida para os protestantes. Logo em julho, ele resolveu bombardear a cidade por vários dias, para forçar uma rendição. Porém, mesmo com a cidade sendo destruída, os protestantes não se renderam. No fim de julho, fortes chuvas transformaram o campo de batalha em um pântano, fazendo com que Wallenstein abandonasse o cerco.<sup>57</sup>

Após o insucesso do cerco em Stralsund, Wallenstein resolveu retomar a cidade de Wolgast dos protestantes. Os dinamarqueses avançaram contra as tropas imperiais, porém em poucos dias foram derrotados por Wallenstein, que retomou a cidade e obrigou os soldados rivais a voltarem para a Dinamarca.

Mesmo com a falha do cerco em Stralsund, a sequência de vitórias de Dessau, Lutter e Wolgast, fizeram com que Fernando II ganhasse muita confiança em sua vitória. O Imperador acreditava que poderia finalmente reunificar em uma só religião e um só governo os estados germânicos pertencentes ao seu império, e isto o levou a tomar uma decisão que nenhum governante tinha tentado fazer por quase oito décadas.<sup>58</sup>

#### **2.2.4 A revogação do tratado de paz de Augsburg**

Aproveitando-se do domínio católico na região, Fernando II, agora confiante, que conseguiria acabar com todo e qualquer príncipe protestante, procurou agir na

---

<sup>56</sup> ALVES, 2015, posição 1243.

<sup>57</sup> EDMUNDSON, 2018, posição 3558-3602.

<sup>58</sup> GARDINER, 2015, posição 1393- 1400.

área política. Ao fim das batalhas contra a Dinamarca, saindo em quase todas como vencedor, fez com que Cristiano IV assinasse, em 1629, o tratado de Lubeck, que decretava que Cristiano IV ou qualquer outro rei dinamarquês não se envolveria ou ajudaria mais nenhum nobre luterano do norte da Alemanha.<sup>59</sup>

Com a assinatura de tal tratado, as ações de Cristiano IV na Guerra dos Trinta Anos acabaram, e ele retornou para a Dinamarca derrotado. Porém, as ações de Fernando II não haviam acabado ainda. Ainda em 1629, Fernando II lançou o Édito da Restituição, determinando que as terras que foram tomadas da Igreja Católica por nobres luteranos fossem restituídas. Este Édito também anulou a Paz de Augsburg, tirando todo e qualquer protestante de seus cargos.

Tais ações mostraram que Fernando II tinha como objetivo impor o catolicismo em todo o império. Porém, suas vitórias e seus avanços chamaram a atenção da França, que não via com bons olhos as vitórias do imperador Habsburgo. Também chamaram a atenção de outro rei luterano, *Gustavus Adolphus*.<sup>60</sup>

### **2.3 Período Sueco (1630-1635)**

A partir de agora inicia uma fase diferente da Guerra dos Trinta Anos, que antes era algo mais localizado, envolvendo apenas a região da Boêmia, Pomerânia e Dinamarca. Porém, com a entrada da Suécia, o conflito começou a tomar proporções continentais e com cunho político.

#### **2.3.1 Gustavus Adolphus e o Tratado de Barwalde**

O império de Fernando II já ocupava um grande espaço territorial no centro da Europa com os domínios de alguns estados germânicos, porém a sua família, os Habsburgos, dominavam também a Espanha, sul da Itália, algumas ilhas no Mediterrâneo e agora os estados germânicos do norte da Alemanha.

Ao ver o poder de Fernando II aumentando cada vez mais, o cardeal Richelieu formou algumas alianças com alguns nobres luteranos. Tal situação é curiosa, pois como era possível que um cardeal católico fizesse alianças com nobres luteranos?! O detalhe desta questão está no fato de que Richelieu, além de ser um cardeal católico, era também (e principalmente) ministro da França, um país rival do Império e, conseqüentemente, de Fernando II.

---

<sup>59</sup>BRANDÃO, 2012, p. 12.

<sup>60</sup>LEÃO, Roberto. **A Guerra dos Trinta Anos e a inauguração de um novo modelo de relações internacionais**: o tratado de paz de Westfália de 1648, Minas Gerais: 2009, p. 2.

Richelieu soube separar os assuntos de questões temporais dos assuntos religiosos. Ele sabia que a França já era cercada territorialmente pela família Habsburg, e com as vitórias de Fernando II eles estavam mais cercados ainda. Sem mencionar o poder e influência política que a família do Imperador tinham. Para Richelieu, a única maneira de evitar que Ferdinando II dominasse a França era através de uma aliança com os nobres luteranos do norte da Alemanha e com o rei sueco, Gustavus Adolphus.<sup>61</sup>

Ao mesmo tempo, a Suécia estava se tornando uma potência europeia cada vez maior e Gustavus Adolphus, sendo um rei luterano convicto, desejava que o poder do Sacro Império Romano-Germânico parasse de crescer. Ironicamente seus objetivos, em relação com os de Richelieu, eram mais religiosos do que políticos, pois desejava que o luteranismo se tornasse majoritário no Império.

Com isso em mente, Gustavus montou um grande exército, que continha um bom número de camponeses suecos e mercenários bem treinados nas suas novas táticas de guerra. Embora tivesse um exército “mesclado”, a disciplina era formidável, qualquer tipo de violência contra civis ou prisioneiros era proibida. Da mesma forma, os treinamentos das suas tropas eram constantes, e os castigos para a indisciplina eram físicos e extremamente severos.<sup>62</sup>

Gustavus Adolphus era, sem dúvida, um homem religioso, ao ponto que forçava seus soldados a cantarem hinos evangélicos. Mas era também um estrategista militar nato, ao ponto que ele ficou conhecido com o “pai da guerra moderna” por ter sido uns dos primeiros comandantes a usar artilharia móvel no campo de batalha.

Enquanto Gustavus Adolphus encarnava a genialidade militar, Richelieu encarnava as questões políticas e de alianças. Tal parceria formou o *Tratado de Barwalde (1631)*, que comprometeu a França a apoiar financeiramente as invasões suecas. Esta aliança entre Suécia e França criou uma força e um inimigo formidável para o império de Fernando II.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup>ALVES, 2015, posição 1297.

<sup>62</sup>KNIGHT, 1983, p. 335.

<sup>63</sup>ALVES, 2015, posição 1311

### **2.3.2 A Batalha de Frankfurt (1631)**

Gustavus Adolphus percebeu que era o momento de agir, então invadiu de surpresa o norte da Alemanha em 1630. Com sua marinha, que era bem equipada, bombardeou diversos pontos portuários da Alemanha, dominando-os rapidamente. Dessa forma, seus outros navios, que continham dezenas de milhares de soldados, aportaram nesses pontos e começaram a marchar em direção ao sul.<sup>64</sup>

Sua chegada foi rápida e fácil, pois o rei sueco contou com um forte apoio dos nobres alemães luteranos do norte, que não somente “abriram as portas” das suas terras, mas que reforçaram suas linhas de ataque com soldados alemães que os ajudaram a vencer tropas católicas estacionadas no norte.

Porém, Gustavus ainda necessitava de um ponto de comando, um lugar para comandar suas tropas, e por isso escolheu a cidade de Frankfurt. Gustavus chegou às portas da cidade em abril de 1631. Como os mercenários do general imperial Tilly haviam voltado para a Boêmia, as resistências da cidade estavam fracas. Então, o exército sueco cercou a cidade e começou a bombardeá-la.<sup>65</sup>

Com urgência, as tropas imperiais, que estavam estacionadas no sul da Alemanha e na Boêmia correram em direção a Frankfurt, que havia sido conquistada em apenas dois dias pelos suecos. Os exércitos se enfrentaram fora da cidade, os católicos foram derrotados, e as estimativas chegam aproximadamente ao número de 3000 católicos mortos e apenas 800 soldados mortos do lado protestante.<sup>66</sup>

### **2.3.3 O saque de Magdeburgo (1631)**

Com o acontecimento de tantas batalhas e a grande quantidade de movimentações militares, o exército católico de Tilly começou a sofrer com a falta de alimento. Por conta disso, Tilly resolveu atacar os armazéns da cidade de Magdeburgo, que contava com 30.000 habitantes. Porém, o povo da cidade se recusou a obedecer às ordens do general católico.<sup>67</sup>

Diante disso, Tilly resolveu cercar e atacar a cidade em maio de 1631. No entanto, os seus soldados, durante o ataque, fugiram de seu controle, e começaram a saquear as casas e a assassinar as pessoas que fossem encontrando pelo caminho. As pessoas começaram a fugir e a se refugiar na grande catedral de Magdeburgo,

---

<sup>64</sup>GARDINER, 2018, posição 1550-1557.

<sup>65</sup>ALVES, 2015, posição 1318-1324.

<sup>66</sup>DYER, 2012, posição 2358.

<sup>67</sup>SCHILLER, 2015, p 100-101

uma catedral gótica que antes era católica, porém com o aumento da conversão das pessoas para o luteranismo, ela havia se tornou uma igreja de fé luterana.

O bispo luterano daquela catedral, Reinhard Bakes, suplicou ao general Tilly que poupasse a vida das pessoas que ali estavam. Tilly, que havia retomado o controle dos seus soldados, aceitou, porém com a condição de que a catedral voltasse a ser católica. O general ordenou que suas tropas saíssem da cidade, porém algumas centenas de soldados invadiram a catedral e roubaram tudo que encontraram. No fim, a cidade teve apenas 4.000 sobreviventes, tendo no total a morte de 26.000 civis.<sup>68</sup>

### **2.3.4 A morte de Gustavus Adolphus (1632)**

Houve diversas e grandes batalhas com Gustavus Adolphus comandando os suecos. Uma das mais famosas foi a *Batalha de Breitenfield*<sup>69</sup>, em 17 de setembro de 1631, na qual o rei sueco usou sua artilharia móvel para combater os exércitos católicos. A batalha acabou em menos de 7 horas, tendo como vencedor Gustavus.

Após isso, os católicos recuaram, permitindo que as tropas suecas avançassem para o sul, alcançando-os, em 1632, no rio Lech, perto da cidade Rain. Mais uma vez, os suecos usaram sua artilharia para impedir que os católicos se aproximassem da margem do rio, permitindo que as tropas protestantes cruzassem para o outro lado. Surpreendidos por reforços suecos que os atacaram pela retaguarda, os soldados católicos foram derrotados mais uma vez, e o seu general Tilly foi atingido por estilhaços de canhão, morrendo de tétano algumas semanas depois.<sup>70</sup> Esta batalha ficou conhecida como *Batalha do rio Lech*.<sup>71</sup>

Gustavus Adolphus marchou para a cidade de Lutzen, para se juntar com o restante do exército da Suécia. Porém, foram atacados, em 1632, por Wallenstein e Gottfried, um nobre derrotado na *Batalha de Breitenfield*. Gustavus contou com a ajuda de Bernhard, um senhor feudal luterano. Ambos os exércitos se enfrentaram com um número parecido de soldados (cerca de 20.000 de cada lado).

As tropas suecas venceram a batalha, porém isso custou a vida de Gustavus Adolphus que morreu em um acidente, guiando uma peça de artilharia. As tropas

---

<sup>68</sup>ALVES, 2015, posição 1338.

<sup>69</sup> Nesta batalha morreram aproximadamente 3.500 suecos, 200 saxões e 7.600 soldados católicos. (ALVES, 2015, posição 1338).

<sup>70</sup> EDMUNDSON, 2018, posição 4054.

<sup>71</sup> Nesta batalha morreram 3.000 católicos e 2.000 suecos. (ALVES, 2015, posição 1338)

continuaram sendo lideradas por Bernhard, que venceu a batalha que ficou conhecida como *A Batalha de Lützen*.<sup>72</sup>

Após a morte de Gustavus Adolphus, as tropas suecas continuaram na região da Alemanha batalhando, porém sem a disciplina e a moralidade de Gustavus. Os suecos começaram a saquear cidades e vilarejos, em busca de dinheiro e suprimentos. Muitos soldados suecos começaram a retornar para seu país, pois perderam alguns conflitos contra os católicos. Além disso, sem a inspiração moral de Gustavus o norte alemão ficou enfraquecido, e os católicos voltaram a conquistar algumas terras.<sup>73</sup>

## **2.4 Período Francês (1635-1648)**

Com a morte de Gustavus Adolphus, as tropas de Fernando II empurraram os protestantes de volta para os portos de onde começaram as suas invasões. Até 1635, a dominação católica estava aumentando no norte da Alemanha. Porém, foi nesse momento que a França resolveu intervir militarmente na guerra.<sup>74</sup>

Isso fez com que a guerra tomasse proporções absurdas e o seu cunho religioso praticamente não existia mais. A França teve diversos embates com a Espanha, que procurava invadir suas terras. A Holanda buscou maiores riquezas para sustentar seu exército e atacou o Brasil, na região de Pernambuco. Com tantos conflitos acontecendo, grandes partes de algumas regiões da Europa foram devastadas, a terra não foi mais cultivada e a peste bubônica se espalhou, matando milhares de pessoas.<sup>75</sup>

Enquanto isso, na Inglaterra, a Revolução Puritana acontecia, atingindo até mesmo a Irlanda, que se revoltava. A Europa estava em caos, a partir desse momento não houve batalhas decisivas, com a exceção de Wittstock e Rocroi, mas o que prevaleceu foram diversos conflitos “pequenos” entre Espanha, França, Portugal, Áustria e Dinamarca, que tentaram se aproveitar da situação política e militar europeia.

### **2.4.1 A batalha de Wittstock (1636)**

Fernando II tentou expulsar os suecos no norte da Alemanha em 1636. O Imperador juntou milhares de soldados católicos e mercenários saxões e avançou em

---

<sup>72</sup>OLIVEIRA, 1998, p 228.

<sup>73</sup>Alves, 2015, posição 1467-1479.

<sup>74</sup>MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3 ed. São Paulo:Contexto, 2006, p 181.

<sup>75</sup>KNIGHT, 1983, p. 335.

direção à cidade de Wittstock, de onde planejava avançar para as demais regiões. Os protestantes souberam dos planos de Fernando II e também se movimentaram para aquela cidade.

Os dois exércitos se encontraram nas proximidades das cidades. Os católicos estavam esperando o exército sueco, porém alguns avanços inesperados das tropas suecas forçaram os católicos a se movimentarem, perdendo a organização inicial.

A artilharia sueca mais uma vez começou a vencer os soldados do Imperador. Com isso, cerca de 2.000 mercenários saxões mudaram de lado no meio da batalha, combatendo do lado dos protestantes. Tal situação levou o exército imperial à derrota. No fim, a batalha terminou tendo cerca de 3.100 suecos mortos, e aproximadamente 5.000 católicos mortos. Tal vitória permitiu que os protestantes mantivessem o controle da região.

#### **2.4.2 A Batalha de Rocroi (1643)**

Em maio de 1643, a Espanha resolveu atacar a França pelo norte, enviando milhares de soldados que tomaram a fortaleza de Rocroi. A França, em resposta, enviou uma grande quantidade de soldados, cerca de 22.000 soldados que enfrentaram os espanhóis em Rocroi.

Esta batalha durou apenas 6 horas, e teve a França como vencedora, impondo uma derrota esmagadora para a Espanha. A França teve uma perda de aproximadamente 4.500 soldados, enquanto a Espanha teve um total de 7.500 mortes dos seus soldados.<sup>76</sup>

Foi a partir desta batalha que negociações de paz começaram a ser debatidas pelos lados adversários. Porém, tais negociações se estenderam até 1648, pois não havia concessão dos lados que estavam ganhando nos últimos anos com a guerra, que neste momento eram os franceses e os suecos. Porém, finalmente se chegou a um acordo que levaria ao tratado de Vestfália.<sup>77</sup>

#### **2.4.4 A Paz de Vestfália (1648)**

Após 30 anos de guerra, de inúmeras mortes e tragédias, ambos os lados se encaminharam para pôr um final naquele conflito. Após tantos anos, muitas coisas mudaram. Renhard, que substituiu Gustavus Adolphus, morreu por conta da peste

---

<sup>76</sup>ALVES,2015, posição 1645

<sup>77</sup>BRANDÃO, 2012, p 15.

bubônica, em 1632, e Fernando II também morreu em 1637, sendo substituído por seu filho, Fernando III.

Ambos os lados se reuniram em duas cidades: Em Münster com o Imperador e seus aliados, e o rei da França. Após isso, também se reuniram, em Osnabrück, o Imperador e a rainha da Suécia. Nestas cidades foi firmada a paz entre os dois lados, e alguns pontos do tratado foram:

(1) O Édito da Restituição, feito por Fernando II em 1629 foi abolido, ordenando que as terras da Igreja ficariam nas mãos daqueles que as possuísem desde janeiro de 1624; (2) Praticamente manteve as cláusulas da Paz de Augsburgo; permitiu que os príncipes adquirissem maior autonomia em relação ao Imperador, apesar de estarem ainda sujeitos à lei imperial.<sup>78</sup>

(3) Também foram incluídos os calvinistas, que receberam total liberdade de culto dentro do Império Romano-Germânico. (4) A França recebeu os territórios da Lorena e da Alsácia. (5) Os suecos se comprometeram a sair dos territórios conquistados, com a exceção da Pomerânia. (6) A Espanha abandonou os planos de conquistas em relação aos Países Baixos, que foram dominados pela Holanda, saindo assim da influência do Império, assim como a Suíça, que recebeu sua independência.<sup>79</sup>

O Tratado de Vestfália, ou Paz de Vestfália, foi benéfico para os países considerados vencedores da Guerra dos Trinta Anos, neste caso a França, Suécia e Holanda. Com o fim da guerra, o poder do Sacro Imperador decaiu grandemente, o que beneficiou a França, pois este era o seu objetivo.<sup>80</sup>

O país que mais sofreu com a guerra foi a Alemanha, palco da maioria das batalhas que assolaram a terra e a população que sofreu, não somente com os conflitos, mas com a fome, a peste e miséria. O tratado de Vestfália fez com que o poder do rei da França, Luis XIV, aumentasse até chegar ao Absolutismo Monárquico. Tal sistema de governo se espalhou da França para toda a Europa e trouxe grandes prejuízos para a Igreja Católica, que agora não estava mais acima dos reis, porém abaixo.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup>BRANDÃO, 2012, p 15.

<sup>79</sup>ALVES, 2015, posição 1733-1749.

<sup>80</sup>MAGNOLI, 2006, p 167.

<sup>81</sup>ALVES, 2015, posição 1779-1785.

### 3. AS CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DOS 30 ANOS

Com o fim da Guerra dos 30 Anos, muitas coisas mudaram. Parte das nações européias estavam devastadas; as igrejas, tanto católicas quanto protestantes, podiam se recuperar finalmente depois de tantos anos de conflito.<sup>82</sup>

O meio político e o meio religioso mudaram drasticamente. Alguns historiadores consideram o início da Era Moderna quando foi instaurada a Paz de Vestfália, em 1648, já que ela pôs fim ao sistema medieval no qual a religião era soberana.<sup>83</sup>

#### 3.1 As consequências para a população

Como a história já demonstrou inúmeras vezes, quem mais sofreu direta e indiretamente com os conflitos foi a população. É possível ver um exemplo desse argumento durante os trinta anos do conflito que dominou o cenário europeu na primeira metade do século XVII.

A Alemanha, principal palco do conflito, foi o País que mais sofreu. No norte, as guerras, bem como epidemias de fome e peste, mataram milhões de pessoas, cerca de metade da população da região. No sul e centro da Alemanha, bem como na Boêmia, morreram milhões por causas parecidas, cerca de 20% da população. Calcula-se que a guerra em si, bem como as epidemias de fome e doenças que dela surgiram, mataram entre 4 a 8 milhões de pessoas em toda a Europa.<sup>84</sup>

Outros dados apontam para mais de 300.000 pessoas mortas nos campos de batalha, além de milhares de civis, em decorrência de doenças, da desnutrição, da ferocidade das tropas, dos grandes êxodos e deportações em massa.<sup>85</sup>

Alguns dão conta que cerca de dois terços da população alemã pereceu<sup>86</sup>, já que cinco sextos das aldeias do império foram destruídos; a Alemanha possuía, por volta de 1600, 15 milhões de habitantes, número que chegou perto dos 10 milhões em 1650.<sup>87</sup>

Provavelmente, seja possível afirmar que as maiores perdas foram na área rural, cuja população mais sofreu com as enormes consequências da guerra,

---

<sup>82</sup>OLIVEIRA, 1998, p. 228.

<sup>83</sup>LEÃO, 2009, p. 7-8.

<sup>84</sup>ALVES, 2015, posição 1776.

<sup>85</sup>BRANDÃO, 2012, p. 17.

<sup>86</sup>CAIRNS, 2008, p. 323.

<sup>87</sup>HUBERMANN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 107.

enquanto que nas regiões urbanas as perdas oscilaram de 35% a 40%. O provável motivo para essa diferença foi por conta da proteção que as muralhas forneciam. Entretanto, apesar de haver muitos dados sobre as perdas humanas na Alemanha ao longo da guerra, nunca será possível precisar seu número, pois são muito contraditórios.

Os exércitos debandados também representavam um problema. Os anos de guerra criaram em toda a Europa uma classe de aventureiros das armas, sem terra, sem casa, sem família, sem saber nenhum ofício além do da guerra, e só capazes de destruir. A desmobilização foi gradual e se estendeu por um certo tempo; mas nem assim faltaram confusões, e muitos mercenários nunca mais voltaram à vida em sociedade, mantendo-se, como bandidos, rufiões e assassinos profissionais.

Porém é importante mencionar que nem todas as regiões do Império foram assoladas pela Guerra dos 30 Anos. Muitas foram poupadas; outras, em contrapartida, foram devastadas várias vezes. Levando em conta a alta mortalidade infantil e a baixa expectativa de vida na época, envolveram-se no conflito não menos de cem milhões de pessoas! Os pobres sofreram as consequências da guerra muitos anos depois que ela acabou.<sup>88</sup>

### **3.2 A crise econômica após a Guerra**

Outro fator importante é a crise econômica que assolou a Europa durante e após a Guerra dos 30 anos. As próprias consequências diretas que a guerra gerou foram um grande problema para a população da época, como pestes, mortes, tragédias, etc. Porém um grande agravante foi a crise que a colonização do Novo Mundo gerou na população.

A Espanha havia se tornado uma potência econômica no período da Guerra dos 30 Anos. Enquanto países como Holanda e França se mantinham no comércio, a Espanha achou uma maneira mais simples: a exploração das Américas. Isso concentrou uma grande quantidade de riquezas, não nas mãos da burguesia, mas da realeza.<sup>89</sup>

O grande aumento da quantidade de metais na Europa resultou numa mudança de preços jamais vista. Os preços das mercadorias em 1600 eram mais de

---

<sup>88</sup> ESCANDE, Renaud. **O Livro Negro do Cristianismo**: dois mil anos de crimes em nome de Deus. Rio de Janeiro: Ediouro Singular, 2007, p. 175-176.

<sup>89</sup> HUBERMANN, 1985, p. 108-109.

duas vezes superiores aos que foram em 1500, e em 1700 estavam ainda mais altos em comparação a 1600.<sup>90</sup>

De repente, a Espanha viu-se com uma inflação gigantesca que, rapidamente, se espalhou por toda a Europa. As pessoas não tinham como comprar nada, sequer conseguiam entender o porquê daquela situação e se culpavam, pois não conseguiam entender que aquela crise tinha origem internacional.

Em breve, grande parte da Europa viu-se ocupada por um sem-número de mendigos que ocupavam todos os grandes centros; Paris, por exemplo, na década de 1630, contava com um quarto de sua população constituída por eles.<sup>91</sup>

Havia de um lado grupos que tentavam manter e aumentar seus privilégios e riquezas, e que de fato faziam, já que viam a crise os ameaçar; do outro lado, havia uma população, açoitada por pestes, pobreza, fome e guerra

Isso tornou a Guerra dos Trinta Anos extremamente perversa, pois não houve mais limites para as ações humanas. O caos tinha tomado conta, como demonstram as relações entre os soldados. Estes eram os profissionais mais inseguros que havia no momento, não só por verem-se a todo momento diante da morte, mas também por terem de trabalhar meses, anos e, de repente, seu regimento não existir mais, vendo-se na rua com mulher e filhos.

Assim, o despojo era um elemento do qual utilizavam para a sobrevivência de si mesmos e de suas famílias. Dessa forma, a população local ficava nas mãos dos exércitos que invadiam suas cidades, obrigando-a a toda sorte de maus-tratos e violações.<sup>92</sup>

É encontrada, por exemplo, essa situação nos exércitos que travaram as inúmeras batalhas na Guerra dos Trinta Anos. Pode-se demonstrar isso na própria formação de seus exércitos, cujos soldados ou eram obrigados a se alistar, ou não tinham opção diante da miséria que se alastrava por todos os meios.

É possível usar como exemplo aqui os exércitos de Wallenstein, cujos soldados não tinham compromissos com povo algum, ao contrário do de Gustavus Adolphus, cuja formação era de camponeses extremamente religiosos e nacionalistas.

---

<sup>90</sup> BRANDÃO, 2012, p. 17.

<sup>91</sup> HUBERMANN, 1985, p. 107-109.

<sup>92</sup> BRANDÃO, 2012. p. 18.

### 3.3 A mudança do cenário político europeu

As consequências da Guerra dos Trinta Anos são enormes. Ela marca a decadência da família Habsburgo, principalmente na Alemanha, bem como a dissolução do poder central do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, o que beneficiou a França, que entrou na guerra justamente para acabar com o poder dos Habsburgos, que cercavam o país.<sup>93</sup>

A França foi a grande “vencedora” desse conflito, não por conta da sua participação, mas pelo crescimento que teve. Conseguiu acabar com o poder do Sacro Império Romano Germânico, conseguiu importantes conquistas territoriais tornando-se, o centro hegemônico da Europa.<sup>94</sup>

O cenário político e social da Europa mudou por completo após a Guerra. Um dos principais efeitos foi a fragmentação da Alemanha em diversos estados por conta do Tratado de Vestfália e da renovação do Tratado de Augsburg, que permitia a livre escolha da religião em uma localidade. Essa fragmentação foi tão grande, que a unificação nacional da Alemanha só ocorreria no século XIX.<sup>95</sup>

A Guerra dos Trinta Anos, além de ter sido uma guerra religiosa e europeia, foi uma variante político-militar de uma crise geral que se abateu sobre o Velho Continente no século XVII. Constitui-se, dessa maneira, em uma forma extrema rumo à mudança sociopolítica da Alemanha e da Europa em direção à modernidade, mesmo que esse impulso modernizador tenha trazido com ele tamanho horror.<sup>96</sup>

### 3.4 O início do Absolutismo Monárquico

O fim da Guerra dos 30 Anos, com a Paz de Vestfália, decretou a separação entre a Igreja e o Estado. A Igreja continuava influente em seu papel, porém não era mais superior ao Estado (ou coroa) e não mantinha mais o seu poder “temporal” sobre as nações. Tal mudança levou ao início do Absolutismo Monárquico, com a chamada Razão de Estado.<sup>97</sup>

Esta nova doutrina, extraída das experiências provocadas pela Guerra dos Trinta Anos, defendida pelo Cardeal Richelieu, dizia que um reino tem interesses permanentes que o colocam acima das motivações religiosas. Segundo tal doutrina,

---

<sup>93</sup>ALVES, 2015, posição 1769.

<sup>94</sup>CAIRNS, 2008, p. 323.

<sup>95</sup>MAGNOLI, 2006, p. 196-197.

<sup>96</sup>BRANDÃO, 2012, p. 15.

<sup>97</sup>ALVES, 2015, posição 1769-1775.

se for preciso, um soberano católico poderia (e deveria) se aliar com um príncipe protestante, como, coincidentemente, a coroa da França fizera com o rei sueco Gustavus Adolphus, que era luterano, se isso for melhor para os seus objetivos estratégicos. Isto é, colocando os objetivos do estado acima das questões pessoais ou particularidades do governante ou população, servindo como fundamento para o surgimento e a consolidação futura do absolutismo. Não é por menos que o local onde o absolutismo mais teve força foi na própria França, de onde se espalhou para toda a Europa e dominou até o século 18.<sup>98</sup>

E é importante destacar aqui que o Absolutismo Monárquico teve seu “fim” com a Revolução Francesa no século 18. Tal evento não apenas encerrou esse “sistema político”, mas também levou a Europa a um outro estilo de pensamento: a rejeição não somente da monarquia, mas da própria religião, neste caso o cristianismo.<sup>99</sup>

Isso se deve ao fato de que, mesmo com os reis tendo poderes absolutos, a Igreja continua a apoiar a monarquia e os reis europeus. Com isso o Clero foi associado aos nobres, gerando forte perseguição e a “descristianização” da França.<sup>100</sup> Mesmo com o fim desse período conturbado para o cristianismo europeu, tal evento gerou consequências para o cristianismo vistas até hoje na Europa, como o secularismo baseado no racionalismo.<sup>101</sup>

### 3.5 O contexto religioso europeu

Embora a Guerra dos 30 anos tenha sido um triste evento tanto na história do cristianismo como da Europa, ela gerou (ou intensificou) uma característica política/religiosa que é exercida e defendida nos dias atuais: a liberdade religiosa.

A Guerra dos 30 anos foi fruto da Reforma Protestante, que procurou reformar a Igreja Católica e defender a liberdade de culto para as igrejas que haviam se separado da mesma. Porém foi intensificada por interesses políticos de outras nações, como a França que tinha o objetivo de enfraquecer o poder do Sacro Império Romano Germânico e se erguer como a nova potência europeia.

---

<sup>98</sup>LEÃO, 2009, p. 7-8.

<sup>99</sup> SAYA, Lara Scorsato. **O clima revolucionário na França do século XVIII: politização, descristianização e o impacto nas instituições sociais.** Curitiba: UFPR, 2016, p. 3.

<sup>100</sup>SABORIT, Ignasi Terradas. **Religiosidade na Revolução Francesa.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 115.

<sup>101</sup>CAIRNS, 2008, p, 362.

Com a assinatura do tratado de Vestfália que deu um fim a Guerra dos 30 anos, emergiu um novo cenário religioso e político. Primeiramente pela nova forma de relações internacionais, quer permitia a negociação entre nações com confissões de fé diferentes (uma nação católica e uma nação protestante), e a criação de estados nacionais, as quais já foram tratadas anteriormente nesta pesquisa.<sup>102</sup>

Em segundo lugar pela reinstituição do tratado de Augsburg, que permitia a livre escolha da religião pelo governante, neste caso sendo adicionados os calvinistas no tratado. Quanto ao povo, se este não compartilhasse a fé de seu governante, seria permitido que o mesmo emigrasse para uma região que tivesse a sua religião como principal.<sup>103</sup>

Levando tais fatos em consideração: a livre relação internacional entre nações de diferentes religiões (1);<sup>104</sup> a livre escolha da religião pelo governante (2); e a liberdade de emigração dos súditos para uma região que possuísse a mesma fé (3).<sup>105</sup> É possível perceber a semente da liberdade religiosa sendo plantada, um exemplo disso é o próprio Sacro Império Romano Germânico, que tinha como uma das principais bases a unidade religiosa (neste caso o catolicismo). Com o tratado de Vestfália, o Império perde o seu significado político e religioso na Europa, sendo somente uma designação geográfica.<sup>106</sup> Obviamente, a liberdade religiosa existente nos dias atuais só seria oficializada em 1948 pela ONU<sup>107</sup>, porém é um fato importante de se mencionar o que provavelmente foi o surgimento de tal princípio.

### 3.5 A Igreja e o Estado

O maior conflito religioso da Europa, e um dos maiores do mundo, ensinou muita coisa aos europeus. Em primeiro lugar, a crença de que a Igreja deve ser separada do Estado ficou explícita neste conflito.<sup>108</sup> A Reforma Protestante trouxe grandes mudanças religiosas e teológicas para o cristianismo da época, mudanças há

---

<sup>102</sup> MAGNOLI, 2006, p. 196-197.

<sup>103</sup> LINDBERG, 2001, p. 293-295.

<sup>104</sup> LEÃO, 2009, p. 7.

<sup>105</sup> BRANDÃO, 2012, p 15.

<sup>106</sup> CAIRNS, 2008, p. 323.

<sup>107</sup> MOURA, Raquel Cristina Santo. **A contribuição do direito internacional na proteção do direito à liberdade religiosa.** Porto Alegre: 2015. p. 5. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/raquel\\_moura.pdf](http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/raquel_moura.pdf)>.

<sup>108</sup> ALVES, 2015, posição 1803-1809.

muito necessárias, as quais a própria Igreja Católica já havia sentido a necessidade alguns anos antes, com o humanismo espanhol e Ximenez de Cisneros.<sup>109</sup>

Porém, em questões políticas e sociais em relação à religião, não houve grandes mudanças em um primeiro momento. O Luteranismo não desejava se separar do Estado, muito pelo contrário, ele precisava do Estado para se proteger da ameaça católica e do Império. No início do protestantismo, o Estado esteve totalmente ligado com a igreja. Um bom exemplo disso é o aval de Lutero para a criação da Liga Smalkalde, uma aliança militar para combater o Império.<sup>110</sup>

Ao se analisar tal evento, ainda restam as perguntas: como a Palavra de Deus busca tratar a ligação da Igreja com o Estado? E como a Guerra dos 30 Anos influenciou o contexto político e religioso da Europa atualmente?

### **3.5.1 A Igreja e o Estado em Romanos 13 e Mateus 22**

Primeiramente é necessário analisar o que as Escrituras ensinam a respeito da Igreja e do Estado. Nesse caso dois textos possuem grande influência direta neste assunto, o primeiro deles é Romanos 13. 1-4:

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é servo de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É servo de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência.

Este é um texto que gerou algumas controvérsias na história da igreja cristã, Stott ao analisar esse texto, cita que já foram testados quatro modelos na história: o Erastianismo, no qual o Estado controla a Igreja; a Teocracia, na qual a Igreja controla o Estado; o Constantinismo, neste modelo o Estado favorece a Igreja e a ela se adapta ao Estado; e, por fim, o que Stott chama de Parceria, que, neste caso, Igreja e Estado incentivam uns aos outros em seus respectivos deveres dados por Deus. Ao que tudo indica, segundo Stott, este último modelo é o que mais se aplica ao texto de Romanos 13.<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup>DREHER, 2002, p. 116-117.

<sup>110</sup>ROPS, 1984, p. 331-332.

<sup>111</sup> STOTT, Jhon. **A Mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 410-411.

Segundo o apóstolo Paulo, todas as pessoas (incluindo os cristãos) devem se sujeitar às autoridades (v.1a). O motivo para isso está nos versículos seguintes: não existem autoridades que não venham de Deus (v.1b); foram por Ele estabelecidas (v.1); quem se rebela contra a autoridade está indo contra o que Deus instituiu (v.2). O cristão, da mesma forma que é contra a tirania, deve ser contra a anarquia.<sup>112</sup>

Porém, ao mesmo tempo, é preciso de certo cuidado ao se interpretar Romanos 13. Muitos líderes governamentais se aproveitam ou cometem equívocos em relação a sua autoridade. Por exemplo, na Guerra dos 30 anos muitos provavelmente pensaram que estavam sendo instrumentos de Deus para realizar justiça, tanto de um lado quanto de outro: os católicos, por pensarem que estavam lutando pela união de toda cristandade, e os protestantes, por pensarem que estavam defendendo o verdadeiro Evangelho de Cristo.

Em relação a tal abuso de autoridade, Stott defende que o mau uso de alguma autoridade sobre um povo não deve ser atribuído a Deus. Da mesma forma que Pilatos usou equivocadamente de sua autoridade para crucificar Jesus, muitos outros líderes cometeram o mesmo erro, a exemplo de Herodes, Nero, Hitler, entre muitos outros que usaram de maneira errada a sua autoridade.<sup>113</sup>

Hernandes Dias consegue demonstrar um pouco qual deve ser a função da Igreja em relação ao Estado, independentemente de qual seja o tipo de governo. A Igreja deve ser a consciência do Estado, deve ter uma relação positiva e crítica, alertando-o sempre quando estiver errado. Hernandez vai além, ao afirmar que o Estado deve ser laico e que não deve interferir na vida íntima das pessoas.<sup>114</sup>

Apenas três instituições terrenas foram instituídas por Deus: a família, a igreja e o governo humano. Suas funções não se sobrepõe-se entre si, e há confusão e problemas quando isso acontece. Um exemplo prático a respeito disso é a própria Guerra dos 30 anos, na qual Estado e Igreja haviam se tornado “um só”, gerando conflitos por conta da religião (com exceção da França), como no caso das duas primeiras fases da guerra.

O texto de Mateus 22.21 também apresenta uma questão importante:

"De César", responderam eles. E ele lhes disse: "Então, dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

---

<sup>112</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: O Evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 422-423.

<sup>113</sup> STOTT, 2007, p.411-412.

<sup>114</sup> LOPES, 2010, p. 422-423.

Para Stott, Igreja e Estado possuem funções diferentes e separadas, porém o cristão continua tendo responsabilidades, tanto para com Deus quanto para com o Estado.<sup>115</sup>

Para Carson, a resposta que Cristo fornece aos fariseus e herodianos de sua época, além de gerar surpresa aos dois grupos que o questionavam, também surpreendia os zelotes, que esperavam uma libertação instantânea de Roma. A comunidade messiânica que Cristo procurou construir era uma que deveria dar a qualquer César que estivesse no poder o que era de César, embora nunca se afastando das suas obrigações perante Deus.<sup>116</sup>

São essas obrigações perante Deus que fornecem a resposta de como o cristão deve agir em relação ao Estado. Até o momento tudo indicava que o cristão deveria ser submisso a sua autoridade, independente de quem fosse. Porém essa também é uma ideia errônea. A submissão à autoridade vai até o momento em que ela se corrompe, e neste momento ela deve ser alertada: "...como João Batista alertou o rei Herodes Antipas, como Amós alertou Jeroboão II [...], como Dietrich Bonhoeffer ergueu a voz contra o nazismo alemão."<sup>117</sup>

### 3.5.2 A Igreja e o Estado no catolicismo e na confissão de Westminster

Em relação à Igreja Católica medieval não é difícil ver a forte ligação que era incentivada entre Igreja e Estado. Por vários anos o catolicismo foi uma força de poder praticamente absoluta, não somente religiosa, mas principalmente política, em toda a Europa. O doutor Claiton Kunz consegue mostrar tal desejo do catolicismo pelo poder ao citar em seu artigo<sup>118</sup> as palavras de Inocêncio III:

"O Criador do Universo colocou dois grandes luminares no firmamento do céu; o luminar maior para governar o dia e o menor para governar a noite. Da mesma forma para o firmamento da Igreja universal, da qual se fala como sendo o céu, Ele apontou duas grandes dignidades: a maior para exercer o governo sobre as almas (como se estas fossem os dias), a menor para exercer governo sobre os corpos (como se estes fossem as noites). Essas dignidades são a autoridade pontifícia e o poder real. Além disso, a lua tira a sua luz do sol e é, na realidade, inferior ao sol, tanto em tamanho e qualidade, como em posição e efeito. Da mesma forma, o poder real tira sua dignidade da autoridade pontifícia..."<sup>119</sup>

<sup>115</sup>STOTT, 2007, p. 411.

<sup>116</sup>CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd. 2010, p. 534.

<sup>117</sup>LOPES, 2010, p 425.

<sup>118</sup>KUNZ, 2002, p. 113-121.

<sup>119</sup>BETTENSON, Henry (edit). **Documentos da Igreja Cristã**. 3.ed. São Paulo: ASTE, 1998, p. 188-189.

Após a Guerra dos 30 Anos, a Igreja Católica continuou mantendo a sua influência, mesmo sendo muito menor que era antes. Porém, o que as confissões protestantes falavam a respeito disso após esse conflito? Para responder essa pergunta, será analisada a Confissão de Westminster (1646), por questões de contexto histórico paralelo à Guerra dos 30 Anos e também pelo peso e influência histórica que este documento tem. Sobre a Igreja e o Estado, a Confissão diz o seguinte:

“Os magistrados civis não podem tomar sobre si a administração da palavra e dos sacramentos ou o poder das chaves do Reino do Céu, nem de modo algum intervir em matéria de fé; contudo, como pais solícitos, devem proteger a Igreja do nosso comum Senhor, sem dar preferência a qualquer denominação cristã sobre as outras, para que todos os eclesiásticos sem distinção gozem plena, livre e indisputada liberdade de cumprir todas as partes das suas sagradas funções, sem violência ou perigo [...]de modo que a ninguém seja permitido, sob pretexto de religião ou de incredulidade, ofender, perseguir, maltratar ou injuriar qualquer outra pessoa; e bem assim providenciar para que todas as assembléias religiosas e eclesiásticas possam reunir-se sem ser perturbadas ou molestadas.” (Confissão de Fé de Westminster, capítulo 23, cláusula 3)<sup>120</sup>

Ao se observar a Confissão de Westminster, é possível ver uma clara separação entre Igreja e Estado, na qual o Estado (ou magistrado, como a confissão apresenta) não poderia intervir nos assuntos eclesiásticos, mas somente proteger o direito à livre religião das pessoas, independentemente da denominação que exerça, embora a confissão não proíba o cristão de assumir cargos públicos<sup>121</sup>. Consequentemente, a Igreja também não teria parte nas decisões políticas, e seria dever do Estado combater as heresias, se fossem prejudiciais à Igreja e ao Estado.<sup>122</sup>

### 3.5.3 A Igreja em relação ao Estado

Ainda no início do cristianismo, Agostinho defendia uma tese que tenta explicar como deveria funcionar a relação entre a Igreja e o Estado. Nesta tese, existem duas cidades: a cidade terrena (Roma) e a cidade de Deus. Agostinho defendia que, mesmo que a cidade terrena viesse deixar de existir (neste contexto, por conta das invasões bárbaras em Roma), a cidade de Deus permaneceria. Dessa forma, Agostinho procurava mostrar a separação entre Igreja e Estado.

<sup>120</sup>BARRETOS, Abdias. **Documentos históricos do protestantismo: Textos clássicos da reforma.** Fortaleza:\_\_\_\_\_ 2013 p 318.

<sup>121</sup>CONFISSÃO de Fé de Westminster, capítulo 23, cláusula 2

<sup>122</sup>HODGE, Charles. **Relação entre Igreja e Estado.** São Paulo: Editora Hagnos. 2017. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2017/12/12/relacao-entre-igreja-e-estado/>>. Acesso em 30 de Maio.

Essa distinção de Agostinho se perdeu com os anos, e a Igreja tentou fazer do Estado o seu braço secular. Este era o pano de fundo histórico da Reforma. Para alguns grupos protestantes essa visão de união entre Igreja e Estado era horrível, como para os anabatistas, que tentaram se isolar da sociedade. Do outro lado, houve tentativas de criar o Reino de Deus visível, como o caso de Tomás Muntzer entre 1522-1525, que entendeu que deveria subjugar as pessoas que não faziam parte desse reino.<sup>123</sup>

Embora Lutero tenha defendido uma distinção entre Estado e Igreja, ele aprovou a criação da Liga Smalkalde em 1531, uma aliança militar que tinha como objetivo proteger os feudos luteranos, caso o Sacro Império Romano Germânico os atacasse. A justificativa que Lutero usou foi a de que era totalmente lícita a revolta contra um senhor tão injusto como o Imperador.<sup>124</sup>

Da mesma forma, Ulrich Zwínglio defendeu uma posição até mais política que Lutero, ao dizer que “tudo” era o Evangelho, de forma que as comunidades civis e eclesiásticas eram um único corpo, gerando assim uma interdependência entre ambos<sup>125</sup>. O próprio Zwínglio disse:

“O homem cristão nada mais é do que um cidadão fiel e bom, e a cidade cristã nada mais é do que a igreja cristã”<sup>126</sup>

Da mesma forma, Calvino aparentava ter certa tendência para uma ligação entre Igreja e Estado, tanto que o mesmo defendia que existiam algumas guerras “justas”, como contra o governante que invadia terras alheias. Porém, exortava para que não acontecessem guerras.<sup>127</sup> Biéler afirma o seguinte a respeito da teologia de Calvino:

“resta, não menos, a tendência à teocracia, a confusão do “Estado Cristão”, a inclinação que pode ter toda a Igreja e que, mais do que Calvino, terá ainda o calvinismo posterior, de identificar-se com a comunidade nacional e de recorrer à força de constrição do Estado para efetuar sua missão espiritual [...]”<sup>128</sup>

É irônico observar o quanto Biéler acertou ao mostrar que seria no calvinismo posterior que os calvinistas recorreriam ao Estado, pois foram estes que causaram a Defenestração de Praga e o início da Guerra dos 30 anos. O irônico disso é que o

<sup>123</sup>WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 151-152.

<sup>124</sup>ROPS, 1984, p. 331-332.

<sup>125</sup>WACHHOLZ, 2010, p. 155-156.

<sup>126</sup>GEORGE, Timothy. **A teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p.134

<sup>127</sup>WACHHOLZ, 2010, p. 155-156.

<sup>128</sup>BIÉLER, André. **O pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 188.

governo daquela época perseguia os calvinistas, porém o próprio Calvino, assim como Paulo, defendia que o cristão deveria orar pelas autoridades que os perseguiram.<sup>129</sup>

O início da Reforma Protestante ainda manteve traços da ligação entre Estado e Igreja. Embora pequenos, eles ainda estavam presentes, e nos anos que seguiram, eles se tornaram uma visão dominante nos políticos e governantes da época, visão que levou à Guerra dos 30 Anos, por governantes, tanto de um lado quanto de outro, pensarem que tinham o dever divino de defender Deus.<sup>130</sup>

A verdade a respeito da teologia de Calvino é que ele não defendia uma união entre Igreja e Estado, e sim uma cooperação entre ambos. Neste caso, o Estado não teria o direito de impor leis sobre a religião, pois ela não estaria sob a sua jurisdição, mas deveria proteger a religião (neste caso, o cristianismo), para que seus cultos públicos e suas manifestações de fé tivessem liberdade.<sup>131</sup> Enquanto isso, a igreja seria a consciência do Estado, exortando-o quando necessário, e essa voz não poderia e nem deveria ser silenciada.<sup>132</sup> O próprio Calvino diz a respeito da união entre Igreja e Estado:

“O reino espiritual de Cristo e o poder civil são realidades bem distintas”<sup>133</sup>

A Igreja havia se tornado a sociedade dominante na Europa, encheu-se de pompa em sua época medieval, e no século XVI ainda possuía grande influência perante o Estado. Porém, segundo John Mckenzie, a mesma igreja se esqueceu da narrativa de quando Jesus foi tentado, sendo-lhe oferecidos todos os reinos da terra. Talvez muitos se interrogaram se a pompa e o poder da igreja eram a verdadeira imagem dela. Porém a pompa e poder podem ser sinais de sucesso nas empresas humanas, mas são sinais de fracasso na vida e na obra da Igreja.<sup>134</sup>

---

<sup>129</sup> FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 927.

<sup>130</sup> ALVES, 2015, posição 1803.

<sup>131</sup> CALVINO, João. **A instituição da religião cristã**. São Paulo: Unesp, 2009. Vol 2, IV.20.1-2, p 876-877.

<sup>132</sup> FERREIRA, Franklin. **Contra a idolatria do Estado**: o papel do cristão na política. São Paulo: Vida Nova, 2016, posição 3896.

<sup>133</sup> CALVINO, 2009. Vol 2, IV.20.1, p. 876.

<sup>134</sup> MECKENZIE, John L. **Os grandes temas do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 1972, p.197.

## CONCLUSÃO

De fato, a Guerra dos 30 anos foi um triste evento na história cristã, pois é um dos poucos casos em que acontece uma “guerra religiosa” dentro da própria religião (cristianismo). Foi um evento que envolveu praticamente toda a Europa e que gerou terríveis consequências sociais e principalmente religiosas que ainda podem ser vistas hoje no continente europeu. As marcas foram tantas que tem influências até hoje no contexto político mundial, por conta da Paz de Vestfália.<sup>135</sup>

As consequências da união entre a Igreja e o Estado ficaram claras com este conflito, não uma separação no sentido do cristão ter aversão a política, mas a Igreja como dominadora do Estado, e o Estado como ferramenta. Como Wiersbe defende, quando as instituições criadas por Deus, neste caso a família, a Igreja e o Estado, se sobrepõem, grandes problemas acontecem.<sup>136</sup>

Foi a forte ligação entre Igreja e Estado que gerou a Guerra dos 30 Anos, que posteriormente levou ao tratado de Vestfália, junto com o Absolutismo Monárquico. Mesmo com tantas consequências na própria Guerra dos 30 Anos, a igreja continua ligada ao Estado, sendo adicionada como alvo junto aos nobres na Revolução Francesa, criando um cenário no qual a Igreja era repudiada pela população e pensadores da época.<sup>137</sup>

Na história humana foram feitas várias tentativas de modelos de serviço entre Igreja e Estado, porém várias falharam por confundirem suas próprias funções. A Guerra dos 30 anos mostrou isso, quando governantes pensam serem os responsáveis por defenderem Deus tragédias acontecem. Neste caso, a Europa aprendeu com isso.<sup>138</sup>

Por conta disso, o mais saudável para a Igreja cristã é, como diz Hernandes Dias Lopes, manter-se como a consciência do Estado, orando por aqueles que estão no poder e alertando-os quando estiverem indo contra Deus. Provavelmente, se tal

---

<sup>135</sup>SILVA, Roberto Marques Leão. **A Guerra dos Trinta Anos e a inauguração de um novo modelo de relações internacionais: o Tratado de Paz de Westfália de 1648.** \_\_\_\_\_:\_\_\_\_\_. 2009, p. 2.

<sup>136</sup>WIERSBE, 2009, p. 436.

<sup>137</sup> SAVORIT, 2009, p. 115.

<sup>138</sup>STOTT, 2007. p. 410-411.

conselho tivesse sido seguido no século XVI, o rumo da história teria sido muito diferente.<sup>139</sup>

Por fim, as palavras de Mckenzie parecem continuar sendo as mais adequadas para finalizar esta pesquisa:

*“porque a pompa e poder podem ser sinais de sucesso nas empresas humanas, porém são sinais de fracasso na vida e na obra da Igreja.”<sup>140</sup>*

---

<sup>139</sup>LOPES, 2010, p. 422-423.

<sup>140</sup>MECKENZIE, 1972, p.197.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x Protestantes: A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)**. Edição do Kindle. Posição 336-344.
- BRANDÃO, Jackson de Souza. **A Guerra dos Trinta Anos: imagens de um período de transição**. São Paulo: Revista Acadêmica, ano 4, n. 6-8, USP, 2012, 11 p.
- BETTENSON, Henry (edit). **Documentos da Igreja Cristã**. 3.ed. São Paulo: ASTE, 1998. 452 p.
- BARRETOS, Abdias. **Documentos históricos do protestantismo: Textos clássicos da reforma**. \_\_\_\_\_: \_\_\_\_\_ 2013. 318 p. Disponível em: <http://poesiaevangelica.blogspot.com/2007/01/e-book-gratuito-documentos-histicos.html>
- BIÉLER, André. **O pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. 688 p.
- CALVINO, João. **A instituição da religião cristã: Vol 2**. São Paulo: Unesp, 2009. 902 p.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da Igreja Cristã**, São Paulo: Vida Nova, 2008. 23 p.
- CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd, 2010. 534 p.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 131 p.
- DARBY, Graham. **The Thirty Years War**. Londres: Graham Darby Edition, 2013. 150 p.
- DYER, Henry. **The Thirty Years War**. Cristo Raul Edition, 2012. 208 p.
- EDMUNDSON, G. **Europe during the Thirty Years War**. Canadá: Ozymandias Press, 2018. 1077 p.
- ESCANDE, Renaud. **O livro negro do cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus**. Rio de Janeiro: Ediouro Singular, 2007. 272 p.
- FERREIRA, Franklin. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2008. 1218 p.
- GARDINER, Samuel. **The Thirty Years War**. Canada: Ozymandias Press. 2018. Edição do Kindle. 164 p.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: A era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1983. 219 p.
- GEORGE, Timothy. **A teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994, 480 p.
- HUBERMANN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- HODGE, Charles. **Relação entre Igreja e Estado**. São Paulo: Hagnos, 2017. Disponível em: <http://www.seminariojmc.br/index.php/2017/12/12/relacao-entre-igreja-e-estado/>. Acesso em 30 de Maio às 16:30.
- KUNZ, Claiton André. **Ser ou não Ser? Eis a questão!**. Revista Via Teológica, Ijuí. 2002 (p 113-121).
- KNIGHT, A.E. **História do Cristianismo: dos apóstolos do Senhor Jesus ao século XX**. Rio de Janeiro. CPAD, 1983. 351 p.
- LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal. 2001. 503 p.
- LEÃO, Roberto. **A Guerra dos Trinta Anos e a inauguração de um novo modelo de relações internacionais: o tratado de paz de Westfália de 1648**. Minas Gerais: 2009. p 12. Disponível em: <https://robertoleao.wordpress.com/2009/06/03/a-guerra->

dos-trinta-anos-e-a-inauguracao-de-um-novo-modelo-de-relacoes-internacionais-o-tratado-de-paz-de-westfalia-de-1648/

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o Evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010. 509 p.

MARTINA, Giacomo. **História da igreja: de Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1993. 262 p.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3 Ed. São Paulo: Contexto, 2006, 181 p.

MCKENZIE, John L. **Os grandes temas do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes. 1972, 322 p.

MOURA, Raquel Cristina Santo. **A contribuição do direito internacional na proteção do direito à liberdade religiosa**. Porto Alegre: 2015. p. 29. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/raquel\\_moura.pdf](http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/raquel_moura.pdf)>.

NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 384 p.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã. 1997. 336 p.

NOGUEIRA, Adeilson. **A Guerra dos Trinta Anos**. Tobias Barreto: Clube de Autores. 2018. 20 p.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **História do Cristianismo em esboço**. Recife: STBNB, 1998. 252 p.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma (I): A Reforma Protestante**. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984. 526 p.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma (II): A Reforma Católica**. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais. 1984. 459 p.

SAYA, Lara Scorsato. **O clima revolucionário na França do século XVIII: politização, descristianização e o impacto nas instituições sociais**. Curitiba: UFPR, 2016. 13 p.

SABORIT, Ignasi Terradas. **Religiosidade na Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. 314 p.

SCHILLER, Friedrich. **The Thirty Years War**. San Diego: Didactic Press, 2015. 296 p.

SILVA, Roberto Marques Leão. **A Guerra dos Trinta Anos e a inauguração de um novo modelo de relações internacionais: o Tratado de Paz de Westfália de 1648**. \_\_\_\_\_:\_\_\_\_\_. 2009, 10 p.

STOOT, Jhon. **A Mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007. 522 p.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. 176 p.